

**Mapeamento dos critérios de revisão
em língua portuguesa: teoria e prática**

Carolina Machado

**Trabalho de Projeto de Mestrado
em Ciências da Linguagem – Consultoria e Revisão Linguística**

Outubro, 2019

**Mapeamento dos critérios de revisão
em língua portuguesa: teoria e prática**

Carolina Machado

**Trabalho de Projeto de Mestrado
em Ciências da Linguagem – Consultoria e Revisão Linguística**

Outubro, 2019

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem – Consultoria e Revisão Linguística realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Matilde Gonçalves.

MAPEAMENTO DOS CRITÉRIOS DE REVISÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: TEORIA E PRÁTICA

CAROLINA MACHADO

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: critérios de revisão, linguística do texto, níveis de revisão, norma-padrão, revisão de texto.

Este trabalho de projeto busca mapear critérios de revisão, subjacentes a testes de candidatura para vagas nessa área, que possam guiar revisores – iniciantes ou experientes – numa prática profissional mais estruturada e fundamentada. Para isso, o trabalho é dividido em três partes: na primeira, é feito o levantamento teórico acerca da profissão no ambiente acadêmico e no mercado de trabalho; na segunda, são apresentados os textos que integram o *corpus* da pesquisa bem como são conhecidos os níveis de revisão que guiarão as análises; no terceiro e último, é feita uma síntese baseada na informação encontrada nas partes um e dois do trabalho, de força a oferecer, na prática, algumas recomendações para aqueles envolvidos no universo da revisão: os próprios revisores, clientes e professores.

**MAPPING OF PROOFREADING CRITERIA IN
PORTUGUESE LANGUAGE: THEORY AND PRACTICE**

CAROLINA MACHADO

ABSTRACT

KEYWORDS: proofreading criteria, text linguistics, proofreading levels, standard variety, proofreading.

This work project aims to map the proofreading criteria underlying application tests for jobs in this area that can guide proofreaders – beginners or experienced – with a more structured and grounded professional practice. For this, the work is divided in three sections: the first part introduces a theoretical survey about the profession in the academic environment and in the labor market; the second part presents the texts that integrate the research corpus, as well as the proofreading levels that will guide the analyzes; the third and last part leads to a synthesis based on the data found in parts one and two to offer, in practice, some recommendations for those involved with the proofreading universe: the proofreaders themselves, clients and teachers.

ÍNDICE

1	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	PROBLEMAS DE INVESTIGAÇÃO	8
1.2	METODOLOGIA.....	9
2	ESTADO DA ARTE.....	11
2.1	O QUE É REVISÃO DE TEXTOS	11
2.2	A REVISÃO DE TEXTOS NO MERCADO DE TRABALHO.....	21
3	ANÁLISE DOS TESTES DE REVISÃO	28
3.1	NÍVEL 5 – CARACTERÍSTICAS, INSTRUÇÕES E OUTRAS OBSERVAÇÕES ACERCA DOS TEXTOS.....	30
3.1.1	Teste de revisão 1 (TR1).....	30
3.1.2	Teste de revisão 2 (TR2).....	32
3.1.3	Teste de revisão 3 (TR3).....	34
3.1.4	Teste de revisão 4 (TR4).....	35
3.2	NÍVEIS 4, 3, 2 1 – RESULTADOS DO ETIQUETAMENTO	36
3.3	REVISÕES COMPARADAS	39
4	GUIA DE RECOMENDAÇÕES A REVISORES, CONTRATANTES E PROFESSORES	44
4.1	ALGUMAS DEFINIÇÕES	44
4.2	TIPOS DE TRABALHO QUE O REVISOR PODE EXERCER	45
4.3	O QUE SE ESPERA DE UM TEXTO REVISADO.....	46
4.4	O QUE SE ESPERA DO REVISOR.....	47
4.5	O QUE SE ESPERA DO CLIENTE	48
4.6	BASES DO CONHECIMENTO DO REVISOR	48
4.7	ACORDOS ENTRE REVISOR E CLIENTE	51
5	CONCLUSÃO.....	52

6	REFERÊNCIAS.....	54
	ANEXO A – TESTE DE REVISÃO 1	56
	ANEXO B – TESTE DE REVISÃO 2	61
	ANEXO C – TESTE DE REVISÃO 3	64
	ANEXO D – TESTE DE REVISÃO 4	65

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho de projeto de mestrado é identificar e sistematizar critérios de intervenção do revisor em textos escritos em língua portuguesa sem, no entanto, limitá-los a uma “lista de erros comuns da língua portuguesa”. Sua relevância se justifica pela dificuldade e insegurança que profissionais iniciantes, mesmo com conhecimentos avançados do idioma, enfrentam ao fazer seus primeiros trabalhos, principalmente quando não podem contar com a avaliação de profissionais experientes na área, o que é comum no caso daqueles que já começam a carreira como *freelancers*.

Para isso, foram também estabelecidos alguns objetivos específicos, que guiarão a construção do conhecimento para que se possa alcançar o objetivo principal:

- Levantar as competências que definem um revisor de textos de acordo com referências teóricas.
- Discutir semelhanças e diferenças entre o que é estabelecido pelas referências teóricas e o que é considerado ideal pelas referências do mercado.
- Entender o que pode ser considerado um texto de qualidade, ou seja, o que é preciso para que haja boa formação textual.
- Reunir testes de revisão reais aplicados por empresas e, a partir deles, mapear os critérios de correção considerados importantes por elas, bem como aqueles que não foram incluídos, mas fazem parte das competências levantadas nas referências.
- Sistematizar os critérios encontrados partindo no nível macrotextual para o microtextual, gerando uma proposta de intervenção para revisores, que também poderá servir para a avaliação de empresas que queiram contratar esses profissionais e base para a criação ou o aprimoramento de formações voltadas à área.

1.1 PROBLEMAS DE INVESTIGAÇÃO

A fim de cumprir os objetivos propostos neste trabalho de projeto de mestrado, serão ainda respondidas, ao longo da investigação, as seguintes questões:

- O que é revisão e quais são as competências do revisor?

- Pode-se estabelecer uma área de convergência entre as competências estabelecidas pelas referências teóricas e as estabelecidas pelas referências de mercado?
- De que forma questões macrotextuais (por exemplo, questões de estilo) são abordadas nas referências que definem as competências do revisor?
- O que é preciso haver, ou não, em um texto para que seja considerado de boa qualidade?
- Que critérios de avaliação podem ser depreendidos a partir de testes de revisão reais? Quais critérios, segundo o levantamento bibliográfico, deveriam estar presentes nos textos, mas não estão?
- Todos os textos que compõem o *corpus* refletem os textos predominantemente revistos nos segmentos das empresas contratantes?
- Quais critérios são comuns aos testes das diferentes áreas (literatura e ensaio, publicidade, relatório)? Quais são específicos de cada área?
- Um revisor pode ir além das correções microtextuais (normalização linguística) em seu trabalho? Em que pode basear-se para propor correções de nível macro?
- O nível macrotextual interfere nos tipos de intervenções microtextuais? Se sim, como?

1.2 METODOLOGIA

Este trabalho de projeto de mestrado será dividido, para além dos capítulos de introdução e conclusão, em três grandes partes. A primeira delas terá cunho teórico; a segunda, teórico-prático; e a terceira, prático.

Na primeira parte, será feito um levantamento da literatura, conforme já mencionado, como ponto de partida para o entendimento de que tipo de profissional será tratado no trabalho. Para isso, a consulta às fontes envolverá não apenas autores que discutem teoricamente o papel do revisor mas também a associações representantes desses profissionais que estabelecem padrões de conduta e trabalho para quem deseja trabalhar na área.

Na segunda parte, haverá o mapeamento de critérios de revisão por meio de um *corpus* de testes reais, ou seja, exemplos empíricos de exames a que a autora foi submetida ao longo da carreira na área. O *corpus* será constituído de quatro textos de extensões

variadas e representativos de diversos ramos em que um revisor pode atuar, por exemplo, editoras de ficção e não ficção, agências de publicidade, agências de tradução etc.

Na terceira parte, serão sistematizados os critérios mapeados a partir do *corpus*. Essa etapa será feita com base em referencial teórico adequado a cada nível de intervenção (macro, gráfico e microtextual), respectivamente linguística do texto, livros de estilo e instrumentos de normalização linguística.

2 ESTADO DA ARTE

A fim de levantar as competências esperadas de um revisor de textos, percorreremos neste capítulo o que dizem alguns autores sobre características e tarefas que são dadas a esse profissional. Para isso, usaremos obras de cunho teórico-prático que muitas vezes dialogam entre si e trazem novos olhares sobre o que os outros autores disseram sobre o assunto.

A primeira parte, “O que é revisão de textos”, começa com a visão de autores que escreveram livros voltados àqueles que querem adquirir conhecimentos práticos para que possam iniciar ou melhorar sua prática de revisão de textos; a seguir, passa a observar o que autoras acadêmicas voltadas ao trabalho com a linguística textual propuseram como algumas definições acerca do fazer revisão de textos.

A segunda parte buscou conhecer o que associações de revisores espalhadas em diversos países falam sobre padrões de qualidade em revisão de textos. Tal perspectiva é interessante não só aos revisores, mas também àqueles que pretenderem um dia formar organizações como essas no Brasil e em Portugal, visto que, até a publicação desta pesquisa, ainda inexistiam em ambos os países grupos como esses. Esses padrões também nos ajudarão na análise dos textos que serão investigados no terceiro capítulo.

2.1 O QUE É REVISÃO DE TEXTOS

Como primeiro esclarecimento, é importante mencionar que os autores que definem o trabalho de revisão de textos muitas vezes separam a profissão em dois nichos diferentes: preparação de originais ou copidesque e revisão de provas. A soma dessas profissões é a que nos referimos aqui quando mencionarmos “revisor de texto” ou “revisão de texto”. Passa-se, então, ao que dizem alguns desses autores sobre o ofício do preparador de originais, dado que, ao saber sobre o profissional, também temos uma ideia do seu objeto de trabalho – a revisão.

A começar por Luiz Malta (2000, p. 16-17), que define copidesque/preparador de originais da seguinte forma:

é um trabalho mais difícil e exigente do que o de revisão propriamente dito. Copidesque é — até certo ponto — reescrever, retrabalhar um original. [...] Acima de tudo, uma redação lógica, fluente, entendível deve caracterizar qualquer texto, e este é o trabalho do copidesque.

É interessante notar que o autor defende a reescrita como atribuição do revisor de textos, já que possivelmente entende a profissão pelo viés jornalístico, em que esse profissional copidesque era aquele que dava “polimento” ao texto enviado pelos repórteres à redação. Outros autores trazidos neste trabalho defendem o diálogo entre revisor e autor para a construção de um texto de qualidade, em vez da reescrita imposta pelo revisor.

Pinto (1993, p. 10) comenta o trabalho de preparação de texto, situando-o dentro do processo de produção editorial:

As atividades relativas à adequação do texto que dizem respeito à organização, normalização e revisão dos originais são chamadas de *preparação*. (A revisão de originais ocorre antes da composição, e a revisão de provas se dá na fase industrial, ou seja, depois de o texto ter sido composto e antes de ser impresso finalmente.) O profissional encarregado de executar essa adequação é chamado aqui genericamente de preparador de texto.

Na mesma página o autor ainda discorre sobre alguns aspectos específicos que devem ser verificados durante a edição de um original, como “exatidão nas informações históricas ou factuais, nas datas, nos números, nos nomes de pessoas e de coisas, bem como nas citações de qualquer natureza (...)” (PINTO, 1993, p. 10).

Dos dois trechos destacados podemos observar, principalmente, os termos gerais que são utilizados para descrever as atividades; por exemplo, o que significa “retrabalhar um original”? Que critérios são utilizados para definir uma redação “fluyente”?

No Brasil, a atividade de revisão é, teoricamente, normalizada por meio da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que define dois tipos de revisão:

2.1 revisão de originais: Normalização ortográfica, gramatical, literária e de padrões institucionais, aplicando-se as técnicas editoriais e marcações para uniformizar o texto como um todo. Também denominada como copidesque.

2.2 revisão de provas: Aguçado confronto do original, que apresenta todas as marcações feitas na revisão de originais, com as provas compostas, em que o revisor assinala, com os símbolos e sinais convencionados, aquilo que difere do original. Esta revisão também é chamada de revisão de cotejo ou conferência. A partir da segunda prova o confronto é realizado com a cópia anterior e assim sucessivamente. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p. 1)

Poder-se-ia imaginar que, ao redigir uma norma técnica para a apresentação de revisões, a Associação fosse estabelecer regras, ou critérios, a respeito de quais tipos de intervenção são adequados a cada uma dessas etapas que a NBR 6025 descreve. No

entanto, tudo o que se encontra nesse documento são os símbolos (a que chamam “códigos”) utilizados na revisão feita em papel e um exemplo prático de como aplicá-los.

A partir do que é apresentado na referida norma, entretanto, podemos observar algumas pistas em relação ao que é esperado do trabalho de revisão para essa instituição.

Figura 1 – Sinais que correspondem às emendas de correção de texto

Tabela 1 - Códigos de correção de texto

Sinal	Ação indicada
	Unir
	Suprimir letras ¹⁾
	Suprimir palavras ou trecho
	Suprimir espaço
	Separar letras ou palavras ¹⁾
	Retirar e unir ¹⁾
	Inserir
	Transpor letra, palavra ou trecho
	Transpor linhas
	Transpor (para várias palavras consecutivas)
	Salto de trecho (ver original) ¹⁾
	Subscrever caractere ¹⁾
	Sobrescrever caractere ¹⁾
	Colocar a palavra ou texto no ponto indicado pela seta
	Há dúvida (revisor deve resolver com autor)
	Substituir letra
	Variações da barra de atenção (para muitos erros na mesma linha)
	Correção indevida (permanece o texto anterior) ¹⁾

¹⁾ Deve-se optar por um único sinal.

Fonte: ABNT (2002, p. 2).

Figura 2 – Sinais que correspondem às emendas de correção gráfica

Tabela 2 - Códigos de correção tipológica e visual

Sinal	Ação indicada
[ou]	Abrir parágrafo ¹⁾
→	Recorrer texto
[]	Centralizar texto
┌	Alinhar texto à esquerda
┐	Alinhar texto a direita
→	Abrir entrelinha
← ou ← X	Diminuir entrelinha
(fonte)	Alterar tipologia
(it)	Alterar para itálico
(neg) ou (bold)	Alterar para negrito ¹⁾
(red) ou (norm)	Alterar para estilo normal ou redondo ¹⁾
(CA)	Usar caixa alta
(Cb)	Usar caixa baixa
(Cab)	Usar caixa alta e baixa
(V)	Usar versal versalete
~	Evitar brancos entre as linhas do texto
~	Evitar seqüência de brancos no final de linha
E ou ~	Evitar seqüência de hífen nos finais de linha (não quebrar palavras) ¹⁾
□	Evitar palavra ou trecho repetido em linhas seguidas
	Descondensar texto

¹⁾ Deve-se optar por um único sinal.

Fonte: ABNT (2002, p. 3).

Inferese, portanto, a partir das duas tabelas de símbolos, que ao revisor não só é atribuída a tarefa de corrigir aspectos linguísticos e textuais, mas também aspectos a que chamam “tipológicos e visuais”. Para além disso, na penúltima página da NBR 6025 se encontra um ponto a mais de esclarecimento sobre as atribuições do revisor:

4.4.3 A revisão feita na tela permite realizar uma limpeza prévia do texto, em termos de erros gramaticais, ortográficos etc., porém não substitui a revisão feita em cópia impressa, usualmente conhecida por “print de página”, por meio da qual é possível **revisar a formatação do texto, utilização de elementos visuais e tipográficos, manchas, margens, paginação, localização de ilustrações e respectivas remissões no texto, uso de tipologia, títulos, intertítulos**, entre outros elementos próprios da editoração do texto. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p. 5)

É inegável que a norma publicada em 2002 precisa ser revista para incorporar novas práticas de mercado, assim como critérios explícitos para intervenções em textos

para que possam ser chamadas de revisão de texto, contudo serve para registro da ausência de critérios estabelecidos pelas entidades que poderiam preencher essa lacuna.

Coelho Neto (2013) dialoga com essa ideia do revisor enquanto verificador de aspectos gráficos quando afirma: “Quanto mais preparado estiver o revisor, mais ‘catástrofes’ poderão ser evitadas, sem mencionar o aprimoramento que se obtém na apresentação gráfica” (COELHO NETO, 2013, p. 58). Eis a transcrição de o que o autor chama de “atribuições do revisor” (COELHO NETO, 2013, p. 59):

- Revisar os originais (ou provas, ou heliográficas, ou fotolitos) aprovados para edição por: editoras, gráficas, agências de publicidade, autores, mestrandos, doutorandos, preparadores de originais de quaisquer instituições etc.
- Revisar, se tiver experiência, traduções, cotejando-as com os originais (necessita de um auxiliar, em tais casos). É a chamada revisão técnica.
- Revisar textos a serem disponibilizados na internet.
- Revisar livros já publicados, objetivando uma edição revista (e/ou ampliada).
- Proceder a quantas revisões forem acordadas com o cliente.

O que podemos entender da lista feita pelo autor é que *as atribuições do revisor são revisar* diferentes textos que se apresentam em diferentes plataformas. Tal lista talvez não nos dê pistas a respeito do que Coelho Neto entende por revisão, mas isso é o assunto de toda a obra *Além da revisão*. O livro traz orientações práticas tanto para o profissional que revisará o original quanto para aquele que trabalhará sobre as provas já paginadas.

Vemos esses conselhos práticos principalmente no capítulo 6, do qual chama atenção a seguinte frase: “Os poderes do revisor de sugerir ou interferir no texto – e até na diagramação –, apontando construções gramaticais mal concebidas, falta de clareza, de correção etc. vão variar sempre de acordo com cada cliente e cada situação específica” (COELHO NETO, 2013, p. 106). Fica evidente, portanto, que, ao faltar um instrumento normalizador para a atuação do revisor de textos profissional, o que vai nortear a prática é o próprio cliente, seja este profissional – editor, por exemplo – ou não – autor independente, gerente de marketing, coordenador de conteúdo etc.

Outro diálogo é estabelecido quando Coelho Neto afirma que o “revisor analisa o texto como profissional e como leitor” (COELHO NETO, 2013, p. 108) e Machado (2018, p. 22) aponta que “para revisar um texto, é preciso praticar a leitura atenta a diversos aspectos linguísticos, que não é a mesma de quando você lê na hora de lazer”. Ou seja, para esses autores, um dos papéis do revisor é assumir dois olhares distintos e

complementares no desempenho da revisão: o olhar do profissional e o olhar do leitor comum.

Essa leitura que vai além da feita pelo leitor descompromissado pode ser caracterizada pela possibilidade de o revisor fazer suas emendas¹ já no decorrer da leitura (MACHADO, 2018). A autora também destaca que “um dos objetivos do revisor é encontrar e corrigir inadequações nos mais diversos níveis de leitura para que o leitor comum não tenha sua atenção desviada” (MACHADO, 2018, p. 22), tais níveis são exemplificados como “problemas de grafia, falta de coerência, saltos, repetições de ideias, inconformidade de tradução”.

Um ponto ressaltado por Machado é o fato de que o revisor muitas vezes encontra entre suas responsabilidades a de assegurar a correção factual do texto. Não é que o revisor de língua deva ser um especialista na área, mas no sentido de evitar as “catástrofes” mencionadas por Coelho Neto (2013, p. 58).

Outra atribuição importante do preparador é toda a parte de pesquisa sobre as informações contidas no texto. Por exemplo: se os nomes que aparecem estão escritos da forma correta e se não variam sua grafia ao longo do livro; se as datas e os eventos se correspondem; em textos para web, se os links funcionam; se não há erros de conteúdo em geral. (MACHADO, 2018, p. 39)

Araújo (2008, p. 56), no entanto, defende que o preparador de originais deve pressupor que “o autor forneceu um texto correto dos pontos de vista **informativo** e gramatical”, mas que é raro que a pontuação, acentuação e uniformização do texto estarão corretas no original. Ou seja, para esse autor, o preparador é escusado de “deixar passar” problemas relacionados a informações incorretas inseridas pelo autor no texto, uma vez que o conteúdo, pressupõe-se, vem do autor já correto.

Emanuel Araújo parece ter uma visão mais “otimista” a respeito dos problemas textuais que um revisor geralmente encontra em seu trabalho. Apesar disso, *A construção do livro* fornece diversas dicas práticas para direcionar o olhar para quem trabalha com a normalização textual, por exemplo:

Em textos literários que recorrem ao discurso direto, o preparador de originais deve observar (...) os seguintes procedimentos quanto à apresentação gráfica dos diálogos: a) o travessão inicial, em princípio,

¹ Como são chamadas as alterações feitas diretamente no texto pelos revisores.

substitui as aspas; b) a oração do verbo dicendi deve ser precedida de travessão; c) as aspas são cabíveis dentro de parágrafo de discurso direto quando à fala não segue uma réplica; d) a mistura de aspas e travessão no diálogo é abusiva e desnecessária (...). (ARAÚJO, 2008, p. 64-65)

O autor também lista algumas inadequações cuja alteração incumbe ao revisor, tais como os usos a que ele chama de abusivos: problemas no emprego de pronomes, de construções frasais, bem como imprecisão vocabular (ARAÚJO, 2008).

Além desses tipos de dicas práticas, Araújo (2008) é bastante ponderado quanto à autonomia do revisor na alteração do texto, sempre destacando que a correção gramatical está, no seu ponto de vista, em segundo plano e que ainda há falta de critérios mais específicos de intervenção: “jamais se chegou a um consenso que fixasse em critérios genéricos o ideal normalizador” (2008, p. 56); “Não existe, na verdade, qualquer padrão normativo absoluto para nada” (2008, p. 56); “Estamos convencidos (...) de que a correção gramatical não é tudo” (2008, p. 60); “O preparador de originais, entretanto, não pode prender o texto na camisa de força dos critérios gramaticais” (2008, p. 68).

Findas nossas considerações e o levantamento feito em livros do tipo “manual”, “guia”, ou seja, livros cuja natureza é a aplicação prática dos conhecimentos, entraremos na discussão de autores que trazem a visão acadêmica a respeito da atividade de revisão de textos. Essas autoras foram escolhidas não só por sua citada visão acadêmica, mas também por enquadrarem seus trabalhos nas teorias da linguística textual, o que também contempla o posicionamento deste trabalho.

Começamos pela proposta de abordagem sociodiscursiva da profissão de revisor de textos proposta por Fidalgo (2014). A autora mostra em seu trabalho de projeto de mestrado como algumas mudanças de postura e posicionamento teórico do revisor podem contribuir para o aumento de sua visibilidade social e relevância no mercado de trabalho, por exemplo, na figura do revisor mediador que intervém nos textos respeitando as idiosincrasias linguísticas do autor e eliminando a figura do revisor que impõe suas próprias “crenças gramaticais” a determinado texto e age como se fosse seu coautor (FIDALGO, 2014, p. 72).

Essas sugestões já nos dão algumas pistas de o que, nessa postura sociodiscursiva, pode ser esperado de um revisor de textos profissional, que é o trabalho com conceitos de gramaticalidade e níveis de aceitabilidade, variação linguística, valorização da escrita, alterações adequadas à função e ao gênero do texto, além da consideração de aspectos

textuais, discursivos e estilísticos, em contraponto à análise do nível microtextual – frase e palavra (FIDALGO, 2014, p. 72-73).

Será ainda útil utilizarmos aqui os conceitos traduzidos e adaptados de Künzli pela autora relativos aos tipos de alterações que podem ser feitas pelo revisor:

Quadro 1 – Tipologia de alterações

TIPO DE ALTERAÇÃO	DEFINIÇÃO
1. Alterações justificadas	Alterações que contribuem para a melhoria da qualidade do texto
2. Alterações desnecessárias	Alterações que resultam de decisões de hiper-revisão
3. Alterações problemáticas	Alterações que introduzem erros adicionais no texto
4. Alterações em falta	Alterações que deveriam ter sido inseridas e não foram

Fonte: Künzli (2007, p. 117-118) citado por Fidalgo (2014, p. 73).

Oliveira (2016) também recorre a autores que tratam do texto enquanto discurso para estabelecer a sua definição de o que é tanto a atividade de revisão de textos quanto de quais são as competências do revisor que enquadra sua prática ao que é proposto pela linguística do texto.

Ela concorda com Fidalgo (2014) ao mencionar que a revisão de textos nessa abordagem vai além do nível microtextual, delegando ao senso comum a ideia de que

revisar resume-se a corrigir ortografia, pontuação, concordância verbal e nominal, de acordo com as normas apontadas em gramáticas, dicionários e manuais, sendo a revisão tratada como uma das etapas de reescritura em que se focalizam os aspectos estruturais do texto. (OLIVEIRA, 2016, p. 17)

O contraponto dessa abordagem do senso comum, segundo a autora, são os estudos que deixam de lado a concepção de revisão de texto como uma etapa fixa que ocorre ao fim do processo de escrita, uma vez que trazem à tona o modelo de revisão iterativo, ou seja, é uma atividade recursiva que pressupõe trocas entre revisor e autor ou editor (OLIVEIRA, 2016).

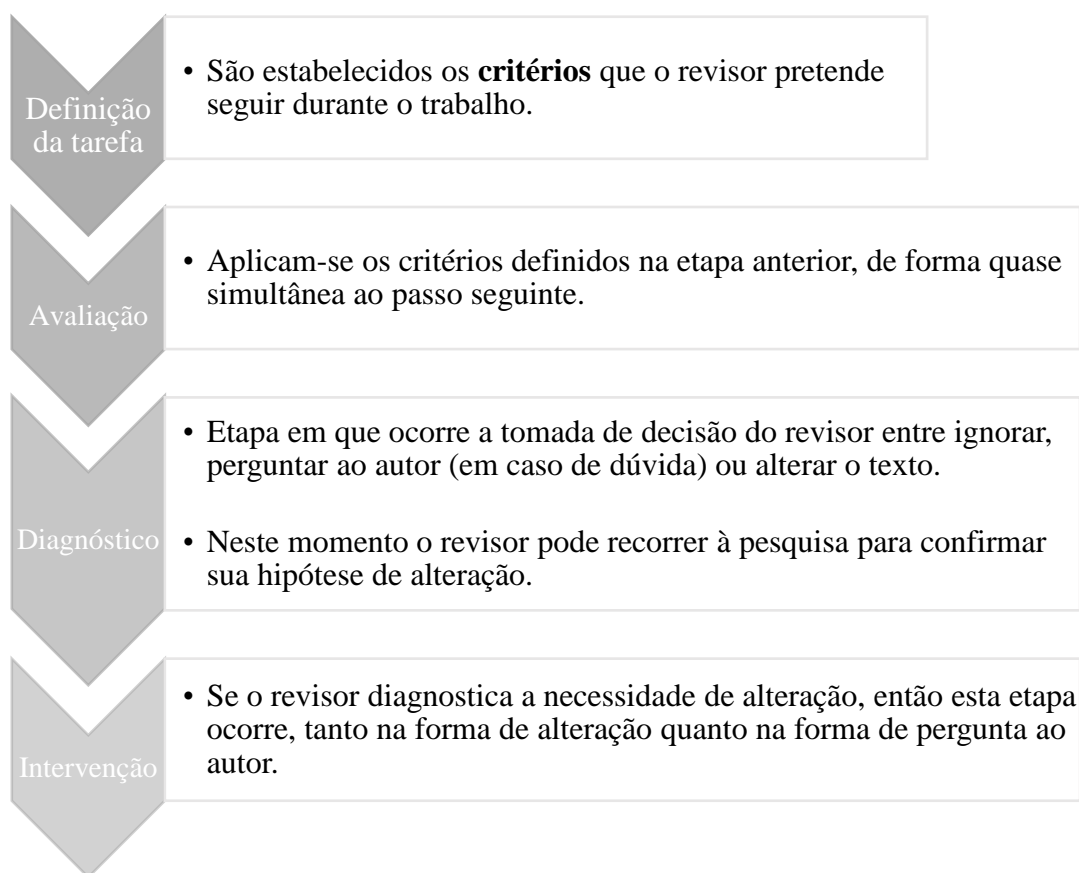
Uma observação interessante que surge no trabalho de Oliveira é a noção de que o revisor deve planejar a sua intervenção, de modo a escolher conscientemente que tipos de alterações serão feitas no trabalho – levando em consideração os objetivos do autor –, bem como quais serão as etapas percorridas no decorrer de sua prática.

o revisor deve inicialmente especificar se vai revisar pela clareza ou pela elegância, segundo os objetivos do escritor; quais traços do texto vai examinar, se os globais ou os locais; como vai proceder a tarefa de revisar, se em um passo ou em vários. (OLIVEIRA, 2016, p. 18)

A partir dessa primeira etapa a que chama de “definição de tarefa”, Oliveira (2016) acaba por distinguir, a partir do próprio levantamento bibliográfico, mais duas etapas essenciais do trabalho de revisão: avaliação e diagnóstico.

A avaliação tem como principal característica o protagonismo assumido pela leitura, durante a qual são aplicados os critérios definidos na etapa anterior de definição de tarefa. Aplicando esses critérios, imediatamente o revisor passa à etapa seguinte, que é o diagnóstico daquilo que precisa ou não de intervenção. Dessa forma, o processo culmina ou não em uma sugestão de alteração por parte do revisor – uma etapa além das que são propostas pela autora. Tais etapas podem ainda ser explicadas em um esquema prático:

Gráfico 1 – Etapas de revisão: do planejamento da leitura à alteração do texto



Fonte: adaptado de Oliveira (2016, p. 18).

Na primeira etapa definida no gráfico demos destaque à palavra “critérios” porque ela é importante no contexto de nosso estudo. Oliveira não explicita ou dá sugestões de que critérios devem ser esses; entretanto, nosso trabalho busca preencher justamente essa lacuna para o revisor que precisa ser guiado por um caminho em que se sinta seguro e tenha respaldo acadêmico para basear suas intervenções ou a falta delas, quando for o caso.

Salienta-se também que o passo de “perguntar ao autor” listado no diagnóstico não é incluído pela autora em seus apontamentos. Decidimos colocá-lo nesse passo porque nem sempre o revisor consegue tomar sozinho a decisão de alterar o texto – nem deve fazê-lo nos casos em que apenas o autor pode dizer o que é adequado, como na dissolução de ambiguidades.

Por último, também propomos a etapa de intervenção, pois ela pode ou não ocorrer a depender do resultado do diagnóstico.

Outro diálogo estabelecido entre Fidalgo (2014) e Oliveira (2016) é o movimento de construção e revisão de um texto, que pode ir dos aspectos macrotextuais (estilo, objetivo do autor, contexto de produção do texto) aos microtextuais (sintaxe, vocabulário, ortografia, pontuação), que também serão abordados neste trabalho.

o revisor precisa entender que as palavras, em qualquer discurso escrito, seja de natureza poética, seja de natureza científica, seja de qualquer outra natureza, organizam-se nas interações socioverbais, nas visões de mundo e nos posicionamentos axiológicos do autor, assim como no conjunto das orações, dos períodos e das sentenças. (OLIVEIRA, 2016, p. 58)

Tais relações sociais entre revisor e autor também são encontradas na obra de Salgado (2017). A autora primeiro descreve o revisor como o “leitor profissional que dá tratamento aos textos” (SALGADO, 2017, p. 14), mais uma vez ficando evidente o papel central da leitura na prática do revisor de textos.

Com um texto bastante voltado às questões de autoria e à discussão da possibilidade de ser o revisor um tipo de coautor, Salgado fala sobre o diálogo que se pode observar entre revisor e autor ou editor, pois nem sempre é o primeiro que trata de aceitar ou rejeitar as sugestões oferecidas pelo revisor, de forma que este “não impõe ao autor um texto que não é seu, não o destitui de sua função nem de seus traços idiossincráticos, mas lhe oferece um percurso em seu próprio texto” (SALGADO, 2017, p. 16).

Além disso, mais uma vez vemos uma autora que valoriza a questão textual, quando afirma:

o tratamento editorial de textos indica o que parece ser brecha para deriva e também o que parece ser o fio condutor, propondo ajustes sempre pautados pelo projeto editorial, de acordo com o gênero de publicação que se está preparando. (...) os sentidos se produzem não nesta ou naquela manobra, na substituição de uma palavra ou numa nova pontuação, mas no conjunto desses movimentos, com as coerções genéricas que lhes delimitam. (SALGADO, 2017, p. 22)

O mais interessante da obra de Salgado é notar como a autora trata o processo de edição de livros, do qual o revisor certamente faz parte, como um processo de autoria e construção de sentidos por meio de um texto que é trabalhado por diversos sujeitos até chegar à sua forma final. Nas palavras dela: “importa tanto quem escreve, quem edita, quem distribui, quem lê... Afinal, um material escrito levado a público é toda uma memória discursiva avivada, posta em confronto com seus diversos desdobramentos nas comunidades em que circula (...)” (SALGADO, 2017, p. 50).

Dado que nada feito pelo revisor passa à versão final sem a autorização do autor, ela defende que a revisão faria, assim, parte da autoria do texto, pois é uma etapa anterior à publicização do produto final assinado pelo autor.

2.2 A REVISÃO DE TEXTOS NO MERCADO DE TRABALHO

As associações profissionais são entidades nas quais revisores encontram informações a respeito de padrões de conduta profissional como tabelas de referência de valores, formação profissional, atendimento ao cliente, entre outros.

Por não existir tal tipo de entidade nem no Brasil, nem em Portugal, recorreremos neste trabalho a uma recolha do que dizem as associações que se dedicam à uniformização do trabalho de revisores de textos em seus respectivos países. Dessa forma, caso haja interesse em se formar grupos desse tipo nos países lusófonos, aqui já se encontra um memorial do que tais entidades costumam dizer a respeito da profissão e do que consideram o ideal a ser alcançado pelos revisores. Assim, escolhemos duas instituições de língua inglesa e duas de língua espanhola: a Editors' Association of Canada, a Society for Editors and Proofreaders, a Profesionales de la Lengua Española Correcta de la Argentina e a Unión de Correctores.

Segundo a Editors' Association of Canada (2016, p. 1), uma associação profissional de revisores de texto que conta com mais de 1.300 membros, os padrões de atuação profissional são úteis para que se possam cumprir seguintes os objetivos :

Quadro 2 – Contribuições da padronização de atuação profissional

Revisores	Empregadores/clientes	Professores
<ul style="list-style-type: none"> • Entender melhor que tipos de habilidades e conhecimentos devem ter • Apoiar o estudo e o desenvolvimento profissional dos próprios revisores • Explicar o que é revisão e o que revisores fazem • Definir as melhores práticas de trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber o que esperar dos revisores contratados • Escrever descrições de atividades para contratação • Criar ferramentas de avaliação de desempenho • Entender e negociar serviços de revisão 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver cursos de revisão

Fonte: adaptado de Editors' Association of Canada (2016, p. 1).

Compreendida a importância da padronização de atuação profissional para os revisores de texto e grupos que os cercam, passamos a estudar o que associações nos têm a dizer sobre o que é esperado desses profissionais no desempenho de suas atividades sob uma perspectiva mercadológica da profissão.

A começar pela Pleca, associação argentina de corretores de texto, não é possível encontrar material que sirvam como guias profissionais, mas nos textos institucionais talvez seja possível encontrar algumas pistas do que a entidade considera ser o escopo de atuação dos seus profissionais associados.

A atividade editorial da Argentina conta com um grande número de profissionais que intervêm de diferentes maneiras no processo de transformação de textos destinados a serem divulgados em formato impresso; mas são especificamente os revisores, treinados no conhecimento das regras e da gramática da língua espanhola, aqueles que trabalham escrupulosamente na erradicação de erros que comprometem a legibilidade, a clareza e a adequação dos escritos.

Desde o advento da Internet, estamos diariamente expostos a uma grande variedade de conteúdos digitais (educativos, jornalísticos, publicitários, técnicos, etc.). Esses textos que circulam pela Web também exigem o olhar atento do revisor, que atua como uma espécie de mediador entre o emissor e o receptor, em busca da qualidade da mensagem. (PROFESIONALES DE LA LENGUA ESPAÑOLA CORRECTA DE LA ARGENTINA, 2017)

De apenas dois parágrafos introdutórios da página inicial encontrados no site da instituição foi possível extrair pelo menos cinco características esperadas dos revisores de texto profissionais argentinos:

1. São especialistas nas regras e na **gramática** da língua espanhola.
2. Erradicam erros que comprometem a **legibilidade**, a **clareza** e a **adequação** dos textos.
3. Têm olhar **atento**.
4. São **mediadores** entre o emissor e o receptor.
5. Buscam a **qualidade** da mensagem.

Neste primeiro olhar mercadológico é possível identificar desde itens que são senso comum a respeito de revisores, até mesmo para leigos: o conhecimento gramatical e o “olhar atento”; até ideias que convergem com o referencial voltado à gramática textual, como as noções de emissor e receptor.

Também é interessante destacar o item cinco, que menciona a *qualidade*, algo que se tenta aqui definir, mas que não se encontra explicitada em nenhuma parte do site da associação. Não seria demais inferirmos, no entanto, que as características citadas nesses dois parágrafos sejam o resumo do que a entidade parece entender por qualidade em textos: aplicação das regras gramaticais do espanhol; boa legibilidade, clareza e adequação.

Já a Unico traz mais conteúdo em seu site que busca esclarecer, tanto a revisores iniciantes quanto a possíveis clientes, o que se pode esperar desse tipo de profissional. Começamos por sublinhar uma ideia que já vimos no texto de Fidalgo (2014), citada neste trabalho: “Revisão é uma profissão tão invisível quanto necessária” (UNIÓN DE CORRECTORES (UNICO), 2017). Isso é um indício de que a falta de valorização do revisor atravessa fronteiras e línguas, atingindo profissionais de outras línguas.

Entre as características elencadas pela associação, encontramos a missão de “melhorar o texto do autor” (UNIÓN DE CORRECTORES (UNICO), 2017). As formas como isso deve ser feito, segundo a entidade, são variadas, mas devem seguir alguns princípios:

- As intervenções devem interferir minimamente no original.
- O revisor deve “respeitar e aplicar a norma, adaptando-a sempre que necessário”.
- Mas também ter atenção ao que é desviante, com a habilidade de “gerenciar variações de uso”.

Levar em consideração, ainda “as preferências do cliente e até mesmo sua sensibilidade e, claro, saber quem é o destinatário da mensagem. Em outras palavras, o revisor é um equilibrista que executa uma tarefa de forma meticulosa” (UNIÓN DE CORRECTORES (UNICO), 2017).

O último item novamente nos revela a percepção de que o revisor é um comissário de dois mundos: ele leva ao leitor da forma mais fiel e correta possível a visão do autor, concordando com o que é dito pela Profesionales de la Lengua Española Correcta de la Argentina.

- **De conteúdo:** um corretor especializado no assunto em que o texto é baseado verifica se não há erros de conceito.
- **De estilo:** para obter uma mensagem clara e eficaz, às vezes é necessário adaptar o registro, reestruturar a exposição e eliminar problemas gramaticais.
- **Ortotipográfica:** consiste em verificar se as normas da ortografia e a tipografia adaptadas para esse texto são seguidas.
- **De provas:** em uma segunda fase, com o texto já formatado, verifica, entre outros, erros tipográficos e inconsistências que possam ocorrer na composição do texto. (UNIÓN DE CORRECTORES (UNICO), 2017)

A Society for Editors and Proofreaders (Reino Unido) oferece a seus associados um Código de Prática chamado *Ensuring editorial excellence*, cujo propósito é “estabelecer e manter critérios de boas práticas para os membros” (p. 2) tanto para profissionais independentes quanto para aqueles que trabalham como subordinados.

As habilidades básicas listadas pela SfEP (SOCIETY FOR EDITORS AND PROOFREADERS (SFEP), 2016) são:

1. Conhecer os processos básicos de publicação.
2. Identificar erros de gramática, ortografia, pontuação e estilo.
3. Domínio do inglês ou do idioma de trabalho e entender que a língua está em constante evolução.
4. Uniformizar o texto e seguir o manual de redação do cliente.

5. Perguntar ao autor a respeito da exatidão das informações relativas a nomes, datas, eventos, pessoas, lugares e referências a elementos visuais.
6. Perceber ambiguidades, passagens irrelevantes, repetições desnecessárias, confirmando suas alterações com o autor se necessário.
7. Garantir que a estrutura textual está adequada e uniforme, incluindo a hierarquia de títulos de seções; estabelecer e manter a uniformização nas marcações referentes a títulos, parágrafos, sumário e, quando apropriado, mover cabeçalhos, citações, tabelas, figuras, legendas, listas, referências textuais para notas, notas de rodapé, referências, glossários, bibliografias e quaisquer outras partes do texto que exijam apresentação especial.
8. Perguntar ao autor de forma inteligível sem necessariamente resolver a questão.
9. Saber os símbolos de revisão.
10. Marcar as alterações de acordo com os padrões estabelecidos pelo cliente.
11. Manter as alterações feitas à mão legíveis para diminuir a incidência de erros.
12. Entender a paginação apresentada e garantir que as páginas obedeçam a esse padrão para diminuir a necessidade de intervenção na revisão de provas.
13. Saber quais são os elementos pré-textuais necessários à publicação e incluídos se exigido.
14. Organizar e relacionar as ilustrações ao texto quando necessário; revisar e uniformizar títulos e legendas.
15. Procurar referências cruzadas e conferir sua correspondência, incluindo variações na grafia de nomes, referências bibliográficas, tabelas, figuras e notas de rodapé.
16. Conhecer os princípios básicos da indexação e saber revisar índices.
17. Usar o computador de forma apropriada para revisão em tela, atualizando-se em relação às novidades que possam ser usadas no processo editorial.
18. Assinalar elementos que precisem de atribuições de direitos autorais e permissões de uso.
19. Avisar ao cliente caso haja a possibilidade de o material levantar problemas legais, como difamação, obscenidade, blasfêmia, injúria racial ou plágio.

Voltando à Editors' Association of Canada, que no documento intitulado *Professional Editorial Standards – Knowledge, skills, and practices most commonly required for editing English-language material* também lista 19 práticas,

comportamentos, conhecimentos esperados de revisores no mercado, separados em cinco seções: correção, precisão, uniformidade, completude e comunicação.

1. Conhecer a gramática do inglês e corrigir erros.
2. Conhecer os princípios da pontuação e corrigir erros.
3. Corrigir erros de grafia.
4. Corrigir erros de usos, por exemplo, palavras comumente confundidas, expressões idiomáticas).
5. Identificar e corrigir ou perguntar sobre informações que devem ser confirmadas.
6. Revisar ilustrações como legendas, referências cruzadas, sumário, índices, menus, links para assegurar que estão corretos.
7. Identificar e corrigir ou perguntar ao autor/editor sobre erros relativos a estatísticas, matemática e números.
8. Identificar e aplicar de maneira uniforme padrões editoriais.
9. Criar uma lista de estilos ou seguir a que for fornecida.
10. Conhecer métodos de documentação, por exemplo, lista de referências, notas de rodapé e aplicar de maneira uniforme seus padrões editoriais.
11. Identificar e corrigir ou perguntar ao autor a respeito de variações em terminologia, lógica, uso de metáforas, caracterizações, grafias, números e abreviações.
12. Assegurar que todos os elementos visuais estão padronizados em relação aos textos que os cercam e sua apresentação.
13. Conhecer os problemas relacionados ao uso de outras línguas, principalmente francês, num contexto em que se usa o inglês e editar o texto buscando a padronização.
14. Certificar-se de que o material está completo e, de acordo com a necessidade, completar os elementos faltantes.
15. Reconhecer e demarcar passagens em que é necessário providenciar as referências, fontes, eliminar generalizações em textos acadêmicos.
16. Reconhecer elementos que precisam de permissão para serem reproduzidos e inserção de mensagens de copyright. Se necessário, preparar créditos e obter permissões ou avisar a respeito dessas necessidades ao responsável.

17. Ao trabalhar em arquivo digital, usar um sistema de marcação previamente acordado com o cliente. Ao trabalhar em papel, fazer marcações claras e usar sinais de revisão padronizados, a menos que o uso de outro sistema tenha sido acordado.
18. De acordo com o bom senso, escolher entre fazer perguntas às pessoas responsáveis apropriadas ou resolver as questões por conta própria.
19. Redigir as perguntas de forma coerente e diplomática às pessoas responsáveis pelo material. (EDITORS' ASSOCIATION OF CANADA, 2016)

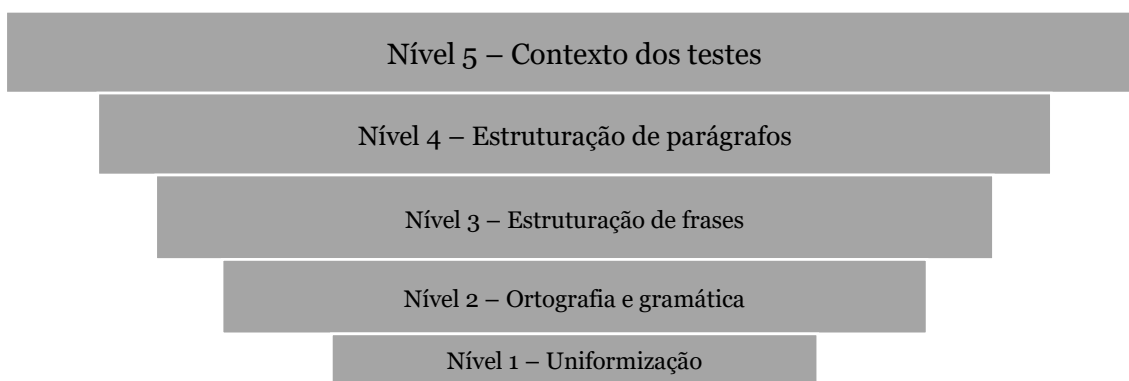
3 ANÁLISE DOS TESTES DE REVISÃO

Nesta parte do trabalho de projeto serão analisados os possíveis critérios que se pode adotar durante a revisão de diferentes textos que compõem o *corpus* selecionado, a saber, um texto literário para o público infantojuvenil, um ensaio, um texto publicitário e um relatório.

Os textos que integram esse *corpus* foram escolhidos por serem testes de revisão reais submetidos à autora do trabalho para que fossem revisados com o objetivo de verificar conhecimentos dela nesse campo profissional. Também privilegiamos textos de diferentes gêneros para que seja possível verificar a diferença de abordagens do revisor em relação a cada situação apresentada.

A metodologia de análise empregada será a seguinte: primeiro, a autora fará a revisão dos textos em suas formas originais (sem nenhuma alteração prévia à redação deste trabalho); segundo, selecionará e destacará as inadequações que surgirem ao longo das leituras; terceiro, fará comentários acerca das inadequações de acordo com os níveis, que se encontram especificadas no gráfico 2 a seguir; quarto, buscará inadequações semelhantes nos quatro textos, de forma a criar pares ou trios delas para fins de comparação relativamente à forma de intervenção mais adequada de acordo com os gêneros.

Gráfico 2 – Critérios de adequação: dos aspectos abrangentes aos aspectos específicos



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Como se pode ver, optou-se pelo caminho de análise descendente, das práticas sociais às unidades linguísticas, seguindo a metodologia utilizada pela linguística do texto. Assim, serão comentados as características do contexto em que eles foram recebidos (situações de comunicação), o texto como pertencente a um gênero (modelos

dos gêneros); e, ao passar dos níveis, serão observados aspectos cada vez mais microtextuais (regras dos sistemas da língua), como metodologicamente estabelecido por Voloshinov (1929/1977, p. 137-139) e reafirmado, entre outros, por Bronckart (2003). A escolha do que seria relevante acrescentar aos níveis foi feita com base no que foi visto no capítulo anterior – Estado da arte.

Especificamente o que será abordado em cada nível de análise, dos aspectos mais abrangentes aos menos abrangentes:

- **Nível 5 – Contexto dos testes:** este nível será discutido separadamente dos demais, por não estar contido na materialidade dos textos, mas naquilo que os orbitam, nomeadamente o suporte em que foram recebidos e revistos, quem enviou o texto para revisão, a quem se destina o texto, entre outros.
- **Nível 4 – Estruturação de parágrafos:** coesão, separação adequada por temas.
- **Nível 3 – Estruturação de frases:** concordância, ordem dos termos, ausência de termos necessários, termos inseridos inadequadamente, paralelismo sintático, adequação vocabular, regência verbal, regência nominal, redundância, uniformidade nos pronomes, ambiguidade, repetições, uso de voz adequada.
- **Nível 2 – Ortografia e aspectos gramaticais:** correção na grafia das palavras, acentuação, uso do hífen, pontuação, colocação pronominal, uso da crase.
- **Nível 1 – Uniformização:** uso de maiúsculas e minúsculas; destaques (negrito e itálico); formatação de títulos e numeração progressiva; uso de travessões ou meias-riscas; formas de apresentação de reduções e siglas; pontuação de listas; grafia de palavras com mais de uma forma oficial; uso dos espaços (entre palavras, tabulações, entre linhas etc.); correção de nomes próprios; uniformização de numerais; tipografia.

Os segmentos retirados dos textos serão classificados e etiquetados conforme o texto a que pertencem. As formas originais e integrais deles são encontradas nos anexos deste trabalho. A seguir veremos as especificidades de cada texto, bem como as estatísticas resultantes da classificação de inadequações encontradas de acordo com os níveis expostos nos parágrafos anteriores.

3.1 NÍVEL 5 – CARACTERÍSTICAS, INSTRUÇÕES E OUTRAS OBSERVAÇÕES ACERCA DOS TEXTOS

Antes de começar a revisão, o revisor precisa analisar diversas características que rodeiam o texto para que possa sugerir as alterações mais adequadas. Isso quer dizer que, se estiver revisando um escrito do século XIX para reedição, terá de levar em conta o objetivo (público-alvo, meio de circulação) da reedição para resolver quais características históricas (ortografia, vocabulário) devem ser mantidas e quais devem ser atualizadas. Se o objetivo da reedição foi reproduzir fielmente aquilo que o autor escreveu à sua época, provavelmente poucas alterações, ou nenhuma, poderão ser feitas; no entanto, se a reedição foi encomendada para atingir um público jovem, que precisa ler os clássicos, então talvez algumas atualizações devam ser discutidas e acordadas com o editor. Esse é apenas um exemplo de como questões externas ao texto podem influenciar diretamente nas escolhas linguísticas feitas durante uma revisão.

Por isso, a seguir serão explicitadas informações que, geralmente, esses profissionais não recebem de quem solicita seus serviços, deixando, assim, margem a interpretações por parte do revisor. Vale ressaltar que essa explicitação também foi acolhida a partir de dados inferenciais, como os ramos de atividade das empresas, as especialidades das linhas editoriais, os materiais enviados junto ao teste, as pesquisas nos sites das empresas etc., uma vez que esses dados também não foram recebidos com os testes. O objetivo é mostrar a necessidade de que o revisor receba tantas informações a respeito do texto quanto forem possíveis, a fim de que possa fazer o melhor trabalho dentro, por exemplo, do gênero textual adequado e para o público-alvo correto.

O nível 5 é separado dos demais porque não necessariamente se reflete no texto com marcas linguísticas. Ele trata, sobretudo, de informações que influenciam, sim, nessas marcas linguísticas e determinam o tipo de postura do revisor diante de uma suposta inadequação.

3.1.1 Teste de revisão 1 (TR1)

Enviado por editora, o TR1 trata-se de uma peça de ficção voltada ao público infanto-juvenil, cujo gênero não foi especificado pela editora solicitante do respectivo teste de 1591 palavras.

O texto foi recebido sem a indicação do gênero a que pertencia. Contudo, sabe-se que é um texto literário voltado ao público infanto-juvenil devido à linha editorial da publicadora, mas não é possível ter certeza de que se trata, por exemplo, de um capítulo de romance infanto-juvenil ou de um conto infanto-juvenil. Portanto, o recorte de gênero pode ser feito apenas pelo público-alvo.

O suporte escolhido pela editora para envio desse original foi o comumente utilizado nesses tipos de revisão em situações reais: um arquivo de Word, em formato *doc*, para ser revisado utilizando-se a ferramenta “controlar alterações” bem como a ferramenta de comentários, se necessário.

Como é normal na área editorial, o revisor não tinha acesso ao esclarecimento de dúvidas junto ao autor do texto, tampouco sabia quem ele era. Por ser um teste, também não foi facultada ao revisor a possibilidade de tirar dúvidas quanto ao texto.

Instruções recebidas com o teste

Seguir um pequeno manual fornecido no mesmo e-mail de recebimento do teste que aborda os seguintes tópicos: vírgulas, pontuação de diálogo, aspas, números (casos em que se usa numeral ou por extenso), regência, uso de pronomes demonstrativos, bem como uma categoria chamada “geral” que engloba uso do hífen, uniformização de maiúsculas e minúsculas, grafia de interjeição, plural indevido, o quanto *vs.* quanto, ao invés de *vs.* em vez de, ter que *vs.* ter de, entre outros.

Esse manual se baseia em outro: o do jornal brasileiro O Estado de São Paulo, conhecido como *Estadão*, de acordo com o que foi dito no documento: “Todos os verbetes indicados para consulta se encontram no Manual de Redação e Estilo do Estado de São Paulo”. A justificativa apresentada para a seleção de orientações tão específicas também aparece nesse manual: a ideia é que ali apareçam casos recorrentes de inadequações vistas nos textos trabalhados tanto por tradutores quanto por revisores.

Objetivos do teste

Esse teste fazia parte de uma seleção em duas etapas: as revisões do texto apresentado neste trabalho que fossem consideradas aptas seriam selecionadas para a segunda rodada de testes, em que uma parte do trabalho real a ser publicado seria

revisado. O objetivo era selecionar revisores freelancers para suprir as necessidades de mão de obra nessa área da editora.

Quem o enviou foi um funcionário da editora, que não apresentou seu cargo ou papel dentro da empresa, mas cujo endereço de e-mail dizia “recrutamento”, ou seja, provavelmente era alguém do departamento de recursos humanos. Geralmente, os próprios editores encarregam-se de selecionar os revisores com que preferem trabalhar, por uma série de motivos: eles têm conhecimento técnico/linguístico para avaliar uma boa revisão ou um revisor com potencial de melhorar no ofício; são eles que lidam no dia a dia com os profissionais externos, passando demandas e cobrando prazos; são eles que mais conhecem os textos e os perfis de profissionais que se ajustam a essas necessidades.

Outras observações

Embora o texto fosse literário e destinado ao público infantojuvenil, provavelmente extraído de um romance ou conto, a referência para montagem do manual enviado pela editora era um livro de estilo de uma empresa jornalística. A maioria dos pontos apresentados pelo manual da editora é gramaticalmente conservadora, como a diferenciação bem marcada entre *este* e *esse* ou a recomendação de que não se iniciem parágrafos com pronome oblíquo átono. Entretanto, existe nesse manual uma recomendação não conservadora: ele preconiza o uso de *ter que* em vez de *ter de*, ao contrário do que recomendam as diretrizes do Estadão.

3.1.2 Teste de revisão 2 (TR2)

Enviado por editora, trata-se de uma tradução de texto não ficcional, no gênero ensaio², com 971 palavras. A classificação do texto como ensaio pode ser justificada pela linha editorial da publicadora, bem como pela narração de eventos reais, com personagens históricos na área do xadrez, publicados em um livro que reúne relatos sobre esses personagens. Não se trata, portanto, de um livro técnico de xadrez, embora seja possível que nele se comentem aspectos específicos do esporte.

²De acordo com Houaiss ([2007]): “prosa livre que versa sobre tema específico, sem esgotá-lo, reunindo dissertações menores, menos definitivas que as de um tratado formal, feito em profundidade”.

O suporte escolhido pela editora para envio desse original foi o comumente utilizado nesses tipos de revisão em situações reais: um arquivo de Word, em formato *doc*, para ser revisado utilizando-se a ferramenta “controlar alterações” bem como a ferramenta de comentários, se necessário.

Como é normal na área editorial, o revisor não tinha acesso ao esclarecimento de dúvidas junto ao autor/tradutor do texto, tampouco sabia quem eles eram. Por se tratar de um teste, também não foi facultada ao revisor a possibilidade de tirar dúvidas quanto ao texto.

Instruções recebidas com o teste

Não foi fornecido nenhum tipo de manual ou livro de estilo, tampouco foram especificados estilos a seguir. Essa é uma escolha relevante, que poderia ser um ponto de problema depois de feita a seleção, pois o editor não sabia se os profissionais contratados conseguiam interpretar e seguir as regras do manual. Foi solicitado que se usasse a ferramenta “controlar alterações” do Word.

Como TR2 é uma tradução, foi enviado com ele seu original em inglês, para esclarecimento de dúvidas referentes a construções, vocabulário etc. Não foi solicitado que se cotejasse a tradução com o original. Outra coisa interessante a ser destacada nesse teste é que o editor pediu que fosse enviada uma breve apreciação quanto à estrutura e clareza das ideias.

Objetivos do teste

Esse teste fazia parte de uma seleção para a contratação de estagiários que iriam trabalhar internamente (ou seja, não era uma vaga para trabalho remoto, em *home office*) com a equipe editorial na empresa. Foi enviado diretamente pelo editor que estava precisando dessa mão de obra, de modo que toda a análise do desempenho dos candidatos também fora feita por ele.

Outras observações

Embora no teste o editor tenha pedido que fosse feito um parecer a respeito do texto revisado, em trabalhos subsequentes (como freelancer) esse tipo de atividade não foi solicitado. Também vale frisar que, em trabalhos posteriores, foi enviado à revisora o livro de estilo da empresa, feito originalmente pela equipe e adequado aos gêneros publicados pela casa.

3.1.3 Teste de revisão 3 (TR3)

Foi enviado por agência de publicidade. São vários parágrafos de textos publicitários, cujos gêneros não foram explicitados pela agência solicitante do teste, totalizando 268 palavras divididas em cinco assuntos diferentes.

Os textos enviados no teste foram retirados do seu suporte de veiculação original, tornando difícil a determinação do gênero de cada um. Foram enviados em Word, formato de arquivo raramente usado no trabalho de revisão em agências dada a importância do suporte (tipografia, imagens de apoio, disposição da mancha gráfica, meio de comunicação em que circulará etc.) na determinação dos gêneros que orbitam a atividade publicitária.

Instruções recebidas com o teste

O recrutador não enviou absolutamente nenhuma instrução para a revisão dos textos, deixando ao revisor a tarefa de reconhecer os gêneros, bem como inferir seu suporte e nível de formalidade pretendido para cada um.

Objetivos do teste

Esse teste fazia parte da seleção para contratação de revisor júnior³ para trabalhar presencialmente em uma agência de publicidade. Foi criado e aplicado pelo revisor sênior da empresa, que também fez a entrevista e supervisionou o processo seletivo, pois a

³De acordo com Houaiss ([2007]): “que ou aquele que é iniciante em determinada profissão ou atividade; que ou aquele que ingressou há pouco tempo em ramo profissional ou empresa”.

pessoa iria trabalhar diretamente com ele, à semelhança de como procedem os editores, como visto anteriormente.

Outras observações

Os gêneros de texto que fazem parte da “linguagem publicitária” têm características bastante particulares relativamente à escrita e à revisão. Eles são argumentativos, mas não são dissertações; usam recursos da língua falada, mas não são literatura; precisam transmitir confiança, mas não podem ser formais demais.

Essas particularidades não costumam ser ensinadas em cursos de revisão. Pelo contrário, muitos se preocupam apenas em oferecer conhecimentos e *macetes* para aplicação da norma-padrão. Assim, é essencial que de alguma forma o revisor, profissional necessário dentro das agências, seja treinado para lidar com essas características.

No entanto, o que se vê na prática é empresas que querem profissionais já formados (em cursos que não existem) ou experientes. Por isso é urgente que mais instrumentos de formação profissional para revisores que não lidam estritamente com a norma-padrão sejam criados e difundidos, a fim de que mais pessoas possam conquistar sua vaga de trabalho.

3.1.4 Teste de revisão 4 (TR4)

Foi enviado por uma empresa de ramo desconhecido. Originalmente escrito em português brasileiro, trata-se de um relatório com 159 palavras, cujo gênero foi identificado como relatório.

Partindo-se do conteúdo do texto, pode-se inferir que se trata de um relato voltado ao ambiente de trabalho, em que o funcionário conta, possivelmente a um chefe, o que encontrou na loja descrita no texto. É possível que seja um documento de circulação interna, ou seja, não destinado aos clientes da empresa, ou um relatório gerado por uma empresa de aferição de qualidade em atendimento (também conhecida como de “cliente oculto”); sendo o último, o texto seria encaminhado, sim, a um cliente final – o que poderia justificar o interesse na revisão.

Instruções recebidas com o teste

Esse teste foi recebido numa planilha de duas colunas: na da esquerda estavam os enunciados; na da direita, primeiro havia algumas questões de múltipla escolha relacionadas a inadequações gramaticais e, por fim, o texto destacado neste trabalho para revisão, cujo enunciado solicitava que o revisor reescrevesse o trecho “da melhor forma possível, considerando a estrutura, coesão, coerência, ortografia, pontuação”. Não foi fornecido nenhum tipo de manual ou livro de estilo.

Objetivos do teste

Esse teste fazia parte de um processo seletivo para revisores freelancers. Certamente a empresa solicitante não faz parte dos ramos de atividades que têm nos textos um de seus grandes pilares de atuação, como nas áreas editorial e publicitária, o que explica, talvez, a peculiaridade do formato de teste enviado e a requisição de “reescrita” no enunciado que precedia o original a ser revisado.

3.2 NÍVEIS 4, 3, 2 1 – RESULTADOS DO ETIQUETAMENTO

Agora que já entendemos em que contexto surgem esses testes de revisão, bem como o que tipos de informações contextuais são consideradas importantes para que os aspirantes a cargos de revisão possam ter um desempenho satisfatório nos processos seletivos, podemos dar prosseguimento a questões mais relacionadas às formas linguísticas dos textos revisados.

Como dito, os testes de revisão foram revisados e etiquetados⁴ conforme a classificação de níveis e as inadequações referentes a eles. Assim, foi possível quantificá-las para que se possa entender melhor o que as empresas de fato buscam quando submetem revisores a testes. Não serão, todavia, explicitadas as motivações de cada alteração sugerida, visto que isso não contribuiria para o objetivo do trabalho e ocuparia demasiado espaço. Alguns casos específicos serão vistos e comentados em maior profundidade na seção subsequente que trata da revisão comparada.

⁴As íntegras etiquetadas dos testes estão dispostas nos anexos deste trabalho.

Portanto, na tabela 1 é possível verificar tanto os números totais absolutos quanto suas respectivas porcentagens. Note-se que o nível 5 não foi considerado tanto na formulação da tabela quanto nas dos gráficos, por ser relevante, neste momento, a observação apenas dos fatos linguísticos.

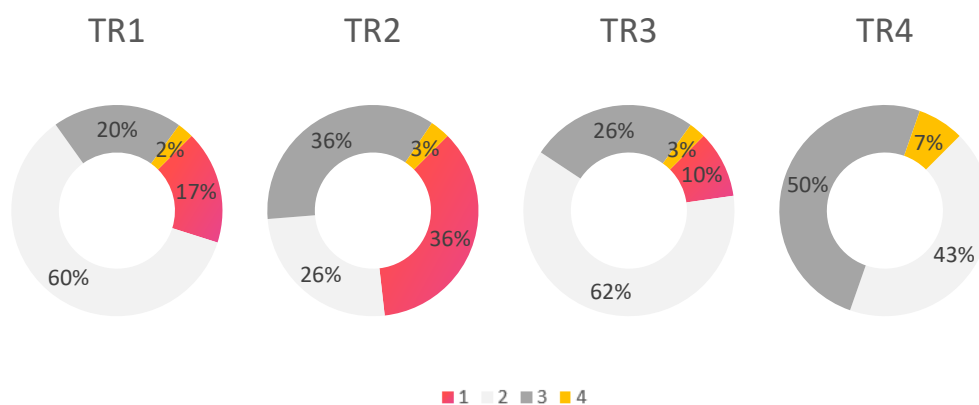
Tabela 1 – Número de inadequações por nível e por teste

	TR1		TR2		TR3		TR4	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
Nível 1	28	17%	35	36%	4	10%	0	0
Nível 2	97	60%	25	26%	24	62%	12	43%
Nível 3	32	20%	35	36%	10	26%	14	50%
Nível 4	4	2%	3	3%	1	3%	2	7%
Total	161		98		39		28	

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Para que fique ainda mais clara a relação de quantidade distribuída para cada nível, foram elaborados os gráficos a seguir. Por serem baseados nas porcentagens, o impacto da diferença de número de inadequações torna-se irrelevante, restando, assim, sua representatividade dentro do universo de cada teste. Os números relacionados às cores na lateral dos gráficos correspondem aos níveis de etiquetagem propostos neste trabalho.

Gráfico 3 – Representatividade de cada nível



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Olhando para os gráficos, conseguimos entender melhor algumas similaridades e diferenças com alguns pares que se unem por características em comum:

- **Texto literário vs. texto publicitário:** podemos notar um equilíbrio entre os pesos de cada nível analisado. Talvez isso possa se justificar por ambos serem textos

que permitem maior informalidade – publicitários chegam a mencionar até mesmo “licença poética” para defender seus textos.

- **Texto de narrativa ficcional (TR1) vs. texto de narrativa real (TR4):** aqui a disparidade é flagrante, talvez porque o TR4 seja de fato o texto mais diferente de todos em termos de distribuição de inadequações nos diferentes níveis.
- **Texto de narrativa real (TR2) vs. texto de narrativa real (TR4):** nesta comparação juntamos o teste com maior preocupação com o nível 1 e o teste que não se importou em incluir essa dimensão na avaliação de seus candidatos. Ainda a respeito de TR2, podemos dizer que é um contrassenso ao mesmo tempo ser um dos testes em que não foram enviadas instruções de estilos de uniformização e ser o que mais exigiu essa competência do revisor.
- **Texto longo (TR1) vs. texto longo (TR2) / Texto curto (TR3) vs. texto curto (TR4):** esta comparação mostra a irrelevância das extensões dos textos quando comparamos os percentuais de cada nível exigido em relação ao número de palavras que eles têm.

É ainda relevante ressaltar os baixíssimos percentuais alcançados pelo nível 4 – coesão, separação adequada por temas – em todos os testes, talvez pelos gêneros selecionados para este trabalho. Por exemplo, esses gêneros retratados não costumam sofrer tanta pressão para o uso de parágrafos curtos como acontece em textos redigidos para leitura na internet e em meios digitais em geral. Assim, apesar de o objetivo ser manter a atenção do leitor, isso pode gerar parágrafos truncados, sem coesão.

Uma ideia que se confirma é a de que as inadequações enquadradas como níveis 2 e 3 parecem ser extremamente relevantes, muito porque talvez façam parte do estereótipo daquilo que representa o revisor de textos – o caçador de erros ortográficos e problemas de concordância. Essas são as inadequações mais notadas pelos “leitores comuns”, então é de se esperar o grande peso que têm para qualquer pessoa que vá publicar textos. No entanto, é interessante que os próprios revisores, por meio de materiais como este, mostrem que suas práticas profissionais vão além de trocar ç por ss.

3.3 REVISÕES COMPARADAS

A presente seção deste trabalho de projeto será dedicada a unir as descobertas feitas no etiquetamento dos testes de revisão (níveis 4, 3, 2, 1) com as influências recebidas das características explicitadas no nível 5.

Por exemplo, é senso comum dizer que um texto de publicidade não é revisado da mesma forma que uma bula de remédio. Todavia, não é possível encontrar materiais educativos voltados a revisores de texto que explicitem esse tipo de orientação por meio de exemplos e recomendações de como proceder. Nesse sentido, o revisor – no caso, publicitário – pode encontrar-se em um dilema: quando aprendeu a revisar, provavelmente lhe disseram que o papel do revisor é impor ao texto tão somente a norma-culta; no entanto, na atuação profissional, ele percebeu que nem sempre esta é a mais indicada, visto que diferentes níveis de formalidade são encontrados nessa atividade textual.

Trazendo a discussão para o tema deste trabalho, esse dilema se agrava ainda mais quando o revisor recebe um teste para verificação dos seus conhecimentos linguísticos sem que com o texto venham também informações específicas do que se espera em termos de uso da norma-padrão, do nível de formalidade ou informalidade que deve ser aplicado, dos casos em que se recomenda deixar um comentário em vez de se fazer a alteração propriamente dita.

Vejam, então, quais posturas o revisor pode adotar de acordo com o gênero do texto a ser revisto, bem como as justificáveis possíveis para essas escolhas.

Excerto A – Nível 3 (regência verbal)

(TR1) De repente, numa terça ~~a tarde~~, lá estava ela, Stella Stuart em pessoa, sentada na mesa favorita de ~~Tia~~ Olívia, ao lado da janela grande do ~~salão de festas~~.

(TR4) Notei que dois funcionários estavam na recepção de clientes **assistindo [-] um vídeo no celular**

TR1 é um texto ficcional, narrado em primeira pessoa por um eu lírico provavelmente bastante jovem. Nesse caso, seria possível o revisor aceitar o uso informal de *sentar na mesa* em vez do formal *sentar à mesa*, dado que o primeiro uso é o corrente

na língua falada brasileira, com o intuito de manter a naturalidade da narração em primeira pessoa.

Já TR4 é um texto de relatório, provavelmente utilizado em ambiente de trabalho formal, dirigido a um superior. Nesse caso, é esperado que o revisor prime pela norma-padrão, adequando a regência de *assistir* à sua forma tradicional para o sentido de *ver – assistir a um vídeo*. Há de se notar que o verbo *assistir* admite dois tipos de transitividade, a direta e a indireta.

Em Cunha e Cintra (2008, p. 534), encontramos a afirmação de que a tradição gramatical orienta para o uso da transitividade indireta com o verbo *assistir* quando tiver sentido de *presenciar*. Os autores ponderam, ainda, que “Na **linguagem coloquial brasileira**, o verbo constrói-se, em tal acepção, de preferência com objeto direto” (grifo nosso).

Excerto B – Nível 3 (paralelismo sintático)

(TR3) **Seus** jogos, [-] filmes e [-] fotos nunca mais será o mesmo.

(TR4) A Flávia embora muito solícita ficava um pouco dividida entre **os** telefonemas e [-] perguntas de outros clientes

Dois casos em que não se usa o paralelismo nos determinantes. Em TR3, texto publicitário, pode ser admissível a elipse dos determinantes. Em TR4, um relatório escrito em ambiente profissional, seria mais adequado estabelecer o paralelismo, de acordo com a prescrição de gramáticos como Cunha e Cintra (2008, p. 246): “Quando empregados antes do primeiro substantivo de uma série, o artigo deve anteceder os substantivos seguintes, ainda que sejam todos do mesmo gênero e do mesmo número”.

Esse tipo de readequação, no entanto, não se enquadra em quesitos gramaticais, mas estilísticos, pelo que o revisor poderia escolher, em um texto como TR3, abster-se da readequação. Como observa Azevedo (2018, p. 548):

Mas não podemos levar essa teoria às últimas instâncias, pois o paralelismo não se enquadra em uma norma gramatical rígida, já que a língua admite outros padrões sintáticos na construção frasal.

Há de sempre se notar, claro, a adequação do uso dos instrumentos de normalização linguística aos textos em análise. Se por um lado temos um texto publicitário, que permite mais liberdade de usos e, por conseguinte, a aplicação de instruções encontradas em gramáticas de orientação mais descritivista, por outro temos um texto usado em contexto profissional, que pressupõe usos enquadrados na norma-padrão, assim exigindo também a consulta a referências de orientação mais prescritivista.

Excerto C

(TR1) A última vez que nos vimos foi em Atenas, **há muitos anos atrás**, não é mesmo?

(TR2) Lasker venceu em São Petersburgo, com 13½/18, à frente de Capablanca, sendo **este último** com 13

Em C temos um exemplo da diferença entre fenômenos parecidos que são extremamente monitorados e outros que não recebem atenção. Por exemplo, em uma pesquisa na internet com os termos “há muito tempo atrás redundância” é seguro afirmar que os primeiros resultados serão comentários acerca do aspecto redundante ou não da expressão, seguida de lições contra ou a favor dela. Se o teste for repetido com “este último redundância”, no entanto, a experiência não encontra o mesmo resultado. Isso pode ser explicado pelo fato de que, em prontuários de Língua portuguesa e dicionários de dúvidas frequentes, “há muito tempo atrás” é um verbete de presença quase obrigatória, enquanto “este último” não parece causar estranheza a gramático ou professor nenhum.

O que normalmente não se discute a respeito de *há ... atrás* é que a expressão, por si só, não pode ser considerada redundante, porque em *há muito tempo* não se encontra a noção temporal exata, que pode tanto ser presente contínuo quanto passado, a depender dos tempos verbais usados nas orações. Sérgio Rodrigues (2016, p. 898) exemplifica:

Há leva a ação para o momento referido tanto nos casos em que ela se esgota nele – “Há cinco anos, ingressei no mercado de trabalho” – quanto naqueles em que, continuando até hoje, nele teve início: “Há cinco anos trabalho mais de dez horas por dia”.

Contudo, se olharmos para o aspecto de *repetição de ideias desnecessárias*, “este último” também pode ser considerado redundante, uma vez que *este* retoma,

tradicionalmente, o último item de uma enumeração. Entretanto, o reforço operado por *último* exerce função semântica importante, já que as fronteiras no uso de *este* e *esse*, no português brasileiro, não são claras, como afirma Azeredo (2018, p. 274):

A distinção entre *este/esse*, mesmo na língua escrita formal, só se observa com rigor quando é necessário deixar clara a referência a um objeto situado no âmbito do enunciador (*este*) por oposição ao que se situa no âmbito do interlocutor (*esse*) [...]
A perda da distinção entre *este* e *esse* é compensada, na fala, pelo reforço dos advérbios *aqui* e *aí*

Azeredo não chega a fazer referência a *este último*, mas parece pertinente dizer que o reforço apontado por ele em contexto de fala também está presente na escrita. A necessidade desse reforço, pela perda da distinção entre *este* e *esse*, portanto, não costuma ser condenada como em *há ... atrás*.

Em última análise, ambas podem ser consideradas expressões que estão se tornando fixas, a primeira no âmbito da localização temporal e a segunda no âmbito da localização discursiva.

Assim há a possibilidade de o revisor adequar o texto literário ao que espera o uso monitorado de *há ... atrás*, mas não deveria haver a obrigatoriedade de o revisor escolher pela forma que ou exclui o *há* ou exclui o *atrás*, de um ponto de vista apenas gramatical (que ignora o estilo), para que não seja considerada redundante. Pelo exposto, também seria facultada ao revisor a aceitação de *este último* ou apenas *este* no texto ensaístico.

Excerto D

(TR3) A **Fiat** ~~esta~~ comemorando ~~35~~ ~~ano~~ de Brasil. E durante esse tempo sempre **foi movido** por uma ~~única~~ inspiração: ~~vøee~~

(TR4) Foi **apresentado a sala** de espera

Em D observamos um exemplo de como os gêneros de texto nem sempre interferem nas questões gramaticais. Para um problema de concordância ser aceito em um texto publicitário (TR3), geralmente mais flexível, deve haver um contexto muito específico em que o desvio da norma-padrão seja realmente necessário. Assim, o uso de concordâncias desviantes não parece ser um nível de informalidade facilmente aceito

nesse gênero. Aqui podemos explicar a falta de concordância, provavelmente, pela distância entre sujeito e a locução verbal.

TR4, por sua vez, é um texto formal que requer a aplicação da norma-padrão. Por isso não seria possível justificar a inadequação simplesmente pelo gênero de texto. Esse desvio também é bastante comum e pode ser explicado pela posposição do sujeito.

Podemos selecionar, aqui, alguns fatores que podem determinar a aceitação de um desvio pelo redator: a) o gênero de texto; b) o objetivo do texto; c) a intencionalidade do autor em relação ao desvio; d) a presença de desvios iguais ou semelhantes ao longo do texto.

A primeira verificação é: o gênero do texto faz parte do grupo de gêneros que permitem mais flexibilidade no uso da norma? Se o texto pertencer a uma esfera artística, literária, usado em contextos informais, então a primeira condição é aceita. Se o gênero de texto exigir uma expressão formal, enquadrada na norma-padrão, então já aqui podemos decidir pela alteração.

A segunda verificação: o texto tem o objetivo de comunicar algo a um grupo específico? Esse grupo reconhece o uso desviante? O desvio vai aproximar o leitor da mensagem? Se as respostas para essas perguntas forem positivas, então a segunda condição é aceita. Se o grupo a que se destina a mensagem não reconhece a forma de expressão desviante, então podemos decidir pela alteração.

A terceira verificação: o autor usou a forma desviante intencionalmente ou ele desconhecia a forma enquadrada na norma-padrão? A terceira verificação pode ter resolução mais difícil se o revisor não tiver contato com o autor. Se ele usou o desvio propositadamente, então a terceira verificação também passa. Se ele apenas desconhecia a forma padrão, então podemos decidir pela alteração.

Por último, a quarta verificação: o desvio ocorre apenas uma vez ou é repetido? O autor usa outros desvios de natureza semelhante? Para que o leitor possa entender um desvio como um padrão do autor, algo feito deliberadamente, é preciso que fique claro, por meio da repetição, que aquilo é uma escolha deliberada.

Note-se que, se uma das verificações falhar, todas as outras perdem o sentido. Contudo, se todas passarem, então talvez o desvio seja o que se pode chamar de *estilo do autor*.

4 GUIA DE RECOMENDAÇÕES A REVISORES, CONTRATANTES E PROFESSORES

Para encerrar este trabalho, iniciamos aqui uma parte mais prática, construída a partir do referencial teórico agregado, das análises feitas nas páginas anteriores e da experiência da autora. O intuito deste material é criar orientações gerais para revisores, contratantes e professores acerca de testes de revisão e até mesmo durante revisões “valendo”.

Assim, estas recomendações não são um guia de estilo a ser seguido, mas pistas do que se pode esperar de um teste de revisão, ou de como construir um teste de revisão efetivo. Também pode ser útil para a construção de instrumentos de referência voltados à revisão, ou cursos na área.

Como já referido, revisores de texto muitas vezes são submetidos a testes, ou até mesmo a revisões pagas, sem que recebam nenhum contexto, nenhum parâmetro, para sua atuação diante daquele trabalho. Já se sabe que as intervenções podem variar de acordo com o gênero a ser revisto, o suporte em que se insere, as demandas do autor ou editor etc., por isso saber detalhes que cercam os trabalhos é fundamental.

Mas nem sempre quem contrata sabe passar esse tipo de detalhe. Tampouco o revisor iniciante entende que precisa pedir esse tipo de detalhe. Nessa situação entra este guia, que pode ajudar a desembaraçar um pouco dessas relações.

Outra situação comum é o revisor iniciante não saber por onde deve começar a estudar para conseguir entrar na profissão. Temas específicos, é claro, são aprendidos conforme a necessidade e a experiência; todavia, as bases do conhecimento que se espera de um revisor não são claras, por isso este material também se justifica.

4.1 ALGUMAS DEFINIÇÕES

- **Revisão de texto** – designação generalista que abarca os conceitos de preparação de originais, copidescagem, revisão de provas e outras nomenclaturas usadas para referir a atividade.
- **Revisor de texto** – designação generalista que abarca os conceitos de preparador de originais, copidesque, revisor de provas e outras nomenclaturas usadas para referir a profissão.

- **Contratante** – clientes que precisam contratar os serviços oferecidos pelos revisores; o regime de contratação pode ser fixo ou freelancer.
- **Professor** – pessoas que criam ou ministram cursos para formar revisores de texto.

4.2 TIPOS DE TRABALHO QUE O REVISOR PODE EXERCER

- **Preparação de originais ou copidesque** – o primeiro revisor a mexer no texto é responsável por estabelecer as bases, “organizar a casa”. Trabalha não só aspetos gramaticais, mas também os torna adequados ao gênero de texto, indica possíveis falhas no conteúdo etc. O suporte de trabalho mais adequado para essa atividade é o editor de texto, geralmente o Word.
- **Checagem de dados/fatos** – pode fazer parte das definições de preparador de originais apresentada pelo cliente ou ser um serviço à parte. O objetivo é confirmar informações recuperáveis por meio de pesquisa na internet ou por meio de fontes. É um serviço mais voltado às áreas que precisam de dados sempre muito corretos, como a jornalística, a científica, a didática. O profissional aponta as falhas encontradas nos dados ou fatos e, em caso de dúvida, deve recorrer ao autor do texto sempre.
- **Leitura crítica** – lê o texto (serviço mais comumente aplicado ao texto literário) em busca de problemas de verossimilhança, continuidade, falhas na trama, conflito, entre outros. É um trabalho que muitas vezes requer especialização do revisor em teoria literária.
- **Revisão de provas** – quando o texto passa da etapa de preparação e é diagramado (ou seja, colocado no estilo de página que já tem características do livro finalizado), ele passa a fazer parte de uma prova. Nessa etapa já se espera que não haja tantos problemas no texto, como de organização, adequação linguística ao gênero e ao público-alvo etc. O revisor de provas, livre da necessidade da revisão mais “pesada”, deverá concentrar-se também em características gráficas das páginas diagramadas, como o tamanho das margens, usos corretos de destaques (negrito, itálico), numeração de páginas e títulos, inserção correta de cabeçalhos

e rodapés, entre outros. Esse tipo de trabalho pode ser feito em arquivos digitais no formato PDF ou em provas impressas.

4.3 O QUE SE ESPERA DE UM TEXTO REVISADO

Estas recomendações podem variar de cliente para cliente, de autor para autor. Portanto, a lista não tem como ser exaustiva, mas serve de base para que o revisor entenda um pouco melhor aquilo que ele precisa fazer para que suas alterações sejam consideradas revisões de texto.

1. Seja legível a marcação das alterações necessárias.
2. Seja produto da melhoria progressiva à medida que passa por diversos passos de revisão.
3. Tenha redação lógica, fluente, entendível.
4. Seja organizado e normalizado.
5. Tenha exatidão nas informações históricas ou factuais, nas datas, nos números, nos nomes de pessoas e de coisas, bem como nas citações de qualquer natureza.
6. Esteja com seus elementos visuais devidamente corrigidos: formatação do texto, margens, paginação, localização de ilustrações, remissões, tipografia, títulos, intertítulos.
7. Em caso de traduções, esteja de acordo com o seu original em língua estrangeira.
8. Transpareça o estilo do autor de forma adequada ao público-alvo e ao gênero.
9. Respeite a variação linguística.
10. Tenha sido lido integralmente.
11. As sugestões do revisor tenham embasamento teórico em instrumentos de normalização linguística.
12. Não receba alterações desnecessárias, só porque “assim fica melhor”.
13. Não deixe de receber alterações necessárias.
14. Seja resultado do trabalho conjunto entre o revisor e o restante da equipe.

4.4 O QUE SE ESPERA DO REVISOR

A lista a seguir enumera algumas características que se espera encontrar em um revisor de texto profissional. Ela não pretende ser exaustiva, mas dar uma noção básica das expectativas normalmente criadas quando se contrata um revisor.

1. Conheça as técnicas editoriais e marcações para uniformizar o texto como um todo.
2. Confronte o texto emendado com a revisão anterior.
3. Saiba revisar em tela e na cópia impressa.
4. Saiba cotejar uma tradução em português com seu original em língua estrangeira.
5. Faça sugestões em relação a frases mal concebidas, obscuras.
6. Leia atentamente todo o texto.
7. Leve em consideração e respeite a autoria, mas defenda a melhor forma para o entendimento do leitor comum.
8. Conheça os níveis de intervenção no texto e os aplique durante sua leitura.
9. Caso seja solicitado, confirme as informações encontradas no texto por meio de pesquisas.
10. Saiba embasar suas sugestões em instrumentos de normalização linguística, evitando a hipercorreção e a inserção de alterações desnecessárias.
11. Desconsidere suas preferências ortográficas ou gramaticais nas revisões.
12. Saiba incluir a variação linguística e aceitar diferentes níveis de informalidade em textos.
13. Não deixe de sugerir alterações onde são necessárias.
14. Entenda a importância de todos os envolvidos na construção de um texto.
15. Aceite dialogar a respeito de suas sugestões.
16. Aprimore-se sempre e da maneira que for possível – por meio de estudo, formação, mentoria etc.

4.5 O QUE SE ESPERA DO CLIENTE

Em nenhuma das obras consultadas para a realização deste trabalho encontramos parâmetros que possam guiar a expectativa do revisor a respeito do que seria o cliente ideal, qual seria sua conduta. Portanto, com base nas dificuldades encontradas durante a revisão dos testes, listaremos aqui algumas características que ajudam a melhorar a relação entre revisor e cliente.

1. Forneça tanto contexto a respeito do texto quanto for possível – quem é o autor, quem é o público-alvo, onde o texto será publicado.
2. Forneça parâmetros estilísticos adequados ao gênero textual da peça que precisa ser revisada – se o texto é jornalístico, o livro de estilos precisa dar conta desse gênero; a mesma orientação para textos literários, publicitários, profissionais.
3. Estabeleça, na medida de seu conhecimento, aquilo que espera do revisor e da revisão.
4. Esteja disponível para tirar dúvidas do revisor.
5. Dê ao revisor liberdade para que este interfira no texto da maneira que for necessária.
6. Estabeleça prazos adequados para que o revisor possa entregar um trabalho de qualidade.
7. Construa seus instrumentos de avaliação (testes) seguindo critérios que façam sentido para o escopo da vaga a ser preenchida e para o nível de experiência do revisor a ser contratado.

4.6 BASES DO CONHECIMENTO DO REVISOR

Não existe uma forma oficial, por lei, regra ou regulamentação, que obrigue o revisor a trabalhar no texto de forma padronizada. Por um lado, isso dá liberdade aos profissionais para que tomem suas decisões, baseados em seus conhecimentos, experiência, referências; por outro, essa falta de norte que guie, principalmente os iniciantes, acaba tornando a atividade algo hermético, talvez só destinada aos iluminados que sempre tiraram nota máxima na aula de língua portuguesa.

Então por onde o iniciante pode começar para um dia poder ser considerado “um bom revisor”? Neste guia, tentamos explicitar quais são as bases do conhecimento do revisor, separadas em níveis diferentes de leitura e intervenção para que se tornem mais didáticas. A partir desses níveis, o aspirante a revisor pode começar seus estudos de forma autodidata ou avaliar quais cursos disponíveis no mercado oferecem uma boa cobertura de assuntos que o revisor profissional precisa dominar.

Nível 5 – Contexto

Este nível não está contido na materialidade dos textos, mas em informações e características que os orbitam, por exemplo, o suporte em que foram recebidos e revistos (arquivo editável, PDF, imagem, papel), suporte em que será publicado (página impressa, digital ou de site, outdoor, embalagem etc.), quem escreveu o texto (jornalista, publicitário, escritor, professor etc.), quem enviou o texto para revisão (o próprio autor, o editor, o atendimento da agência etc.), a quem se destina o texto (consumidores, pessoas que querem se informar, estudantes, especialistas etc.), entre outros.

Referências recomendadas para estudo desse nível: *Atividades de linguagem, textos e discursos*, de Jean-Paul Bronckart, e *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, de Luiz Antônio Marcuschi.

Nível 4 – Estruturação de parágrafos

Neste nível o revisor passa a olhar diretamente para a materialidade do texto, mas ainda analisa aspectos abrangentes relacionados aos parágrafos e como eles se unem em um todo coerente a que podemos chamar de texto. São exemplos desses aspectos: coesão entre parágrafos, divisão deles adequada por temas.

Referência recomendada para estudo desse nível: *Comunicação em prosa moderna*, de Othon Garcia.

Nível 3 – Estruturação de frases

O nível da frase pode selecionar inadequações das seguintes naturezas: concordância verbal e nominal, ordem dos termos, ausência de algum dos termos necessários, termos

inseridos inadequadamente, paralelismo sintático, adequação vocabular, regência verbal e nominal, redundância, uniformidade nos pronomes, ambiguidade, repetições, uso de voz adequada.

Referências recomendadas para estudo desse nível: gramáticas em geral, preferencialmente em versões mais atualizadas. Também deve ser observado a que tipo de gênero a obra é mais adequada, pois existem gramáticas com *corpus* formado por textos jurídicos, literários etc. Sugestões: *Gramática Houaiss da língua portuguesa*, de José Azeredo, e *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra. Para questões de regência, são recomendados os dicionários de regência verbal e nominal de Celso Pedro Luft.

Nível 2 – Ortografia e aspectos gramaticais

O nível da ortografia e da gramática abrange correção na grafia, na acentuação, no uso do hífen, na pontuação, na colocação pronominal, no uso da crase. Esse nível não costuma gerar tantas dúvidas no revisor (embora algumas questões relacionadas ao uso do hífen ainda não tenham sido totalmente estabilizadas, mesmo depois da entrada em vigor do Acordo Ortográfico de 1990). Entretanto, são também os tipos de inadequações mais monitorados, por serem também os mais regulados, cujo conhecimento está mais presente na memória do leitor comum. Isso quer dizer que, se o revisor os “deixa passar”, pode ter problemas com o cliente.

Referências recomendadas para estudo desse nível: íntegra do Acordo Ortográfico de 1990, Vocabulário Comum da Língua Portuguesa, Dicionário Houaiss da língua portuguesa, Dicionário Aurélio.

Nível 1 – Uniformização

O nível da uniformização trata de inadequações que nem sempre os revisores iniciantes sabem que devem corrigir. Exemplos desses tipos de readequações são: uso de maiúsculas e minúsculas; destaques (negrito e itálico); formatação de títulos e numeração progressiva; uso de travessões ou meias-riscas; formas de apresentação de reduções e siglas; pontuação de listas; grafia de palavras com mais de uma forma oficial; uso dos

espaços (entre palavras, tabulações, entre linhas etc.); correção de nomes próprios; uniformização de numerais; tipografia.

Referências recomendadas para estudo desse nível: livro de estilo da editoradora, criar um *check list* de decisões tomadas ao longo da revisão para que se mantenham em todo o texto, pesquisa em fontes confiáveis de nomes próprios, por exemplo, sites das empresas referidas nos textos.

4.7 ACORDOS ENTRE REVISOR E CLIENTE

Para que a relação de trabalho entre o revisor de texto e o cliente seja produtiva, é preciso que as duas partes conversem e cheguem a um consenso a respeito de como o prestador de serviço deverá intervir no texto.

Primeiro, é preciso que o cliente forneça ao revisor uma espécie de resumo sobre aquilo que espera do texto revisado. Por exemplo, se o cliente faz questão que não mexam na pontuação do texto, isso deve ser exposto e acordado antes do início da relação de trabalho. Isso porque, embora existam livros de referência como gramáticas e dicionários para a norma-padrão, as particularidades de cada autor devem também ser respeitadas.

Ainda faz parte desse acordo prévio o envio ao revisor de detalhes que possam contextualizar o profissional a respeito de todos os fatores externos relativos àquele texto; nessa tarefa podem ser úteis *check lists*, livros de estilo, recomendações passadas por e-mail etc., definição do gênero do texto a ser revisado, onde o texto será publicado, a quem se destina, que tipos de conhecimentos específicos de cada suporte devem ser utilizados pelo revisor (por exemplo, a revisão para textos de blog seleciona revisores que entendam como devem testar links, destacar as passagens corretas para que o texto seja “escaneável” etc.).

É importante ainda que essas combinações sejam passadas para algum tipo de documento escrito, caso sejam feitas pessoalmente ou apenas por meio da voz.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho de projeto, buscamos, nas mais diversas referências, explicitar o que, afinal de contas, um revisor precisa saber, conhecer, melhorar, para que seja considerado um revisor profissional. Assim, conseguimos não só fazer um levantamento bibliográfico relevante na área, com livros já bastante clássicos que tratam da profissão, mas também criar uma análise prática a partir de um *corpus* de testes de revisão reais.

Confirmando a ideia de que um texto não é só “aquilo que está no papel”, mas uma convergência de marcas linguísticas materiais e simbólicas que se juntam para formar ideias e são influenciadas pelo contexto que as cerca, este trabalho de projeto também não é um elemento isolado de contexto. Ele é resultado não só da pesquisa que aqui se vê, mas também da experiência acumulada ao longo de mais de dez anos na área de revisão na carreira profissional da autora.

Aqui pudemos ver que existem diferentes concepções a respeito de o que é revisão de texto e de o que é preciso para que um revisor torne-se revisor. Fato é que a barreira de entrada para a profissão é pequena: precisa-se, basicamente, de um computador e conhecimento acumulado. Mas que tipos de conhecimentos são esses? Seria o revisor apenas um caçador de gralhas e pastéis? A partir das referências que vimos, quando se conhece a profissão, espera-se do revisor que ele entregue muito mais que um texto com *s* trocado por *ç*. O revisor hoje precisa entender que o texto acontece porque existe um contexto histórico, social e gramatical que o cerca. É preciso entender e respeitar autoria. É preciso colocar-se no lugar, ao mesmo tempo, do autor e do leitor.

Nesta conclusão podemos, também, afirmar que existe de fato alguma convergência entre os referenciais teóricos e os referenciais de mercado, por exemplo, nas questões como autoria, conhecimentos gramaticais, clareza do texto etc. O que eles têm em comum, também, é a vagueza com que muitas vezes tratam do assunto, deixando a cargo do leitor o estabelecimento de o que faz parte desses critérios ou não.

Ainda em relação às referências, a menção aos aspectos macrotextuais aparece naquelas que enquadram suas pesquisas na linha teórica da linguística do texto com força que não se encontra nas demais. Questões de gênero e como ele influencia nas intervenções ainda não parecem estar bem claras, ou não são relevantes, para os autores das obras tradicionais. A maioria deles, tanto teóricos quanto do mercado, tende a citar as

mesmas características genéricas: legibilidade, clareza, adequação, correção ortográfica e sintática.

Passando à parte teórico-prática deste trabalho de projeto, conseguimos extrair dos testes de revisão alguns dados interessantes, como o estabelecimento de níveis de análise iguais para os quatro textos, que eram bastante diferentes quando comparados uns com os outros. Isso porque, o objetivo aqui, não era apontar questões específicas, mas inadequações num ponto de equilíbrio: nem tão genéricas quanto recomendar que o revisor deixe o texto “claro”, nem tão específicas que os critérios fossem úteis para apenas um texto.

Conseguimos chegar a um esquema analítico que envolve cinco dimensões diferentes: o nível contextual, o nível de parágrafo, o nível de frase, o nível de palavra e o nível de uniformização. Dentro desses ainda se encontram critérios mais específicos, como coesão e uso de conectivos, pontuação, ambiguidade etc. Por meio desses níveis, ainda, conseguimos visualizar as inadequações mais ou menos presentes em cada teste.

Um importante fato que se põe é que o nível 5, “extra texto”, parece ser o mais negligenciado pelos futuros clientes dos revisores. Como dito no capítulo 3, pouca ou nenhuma informação foi dada ao revisor quando este recebeu o teste, deixando-o apenas com os próprios critérios de atuação para subsidiá-lo em questões que são próprios daquele contexto, isto é, não podem ser encontrados em gramática nenhuma. Essa liberdade toda não se verifica quando o profissional é de fato contratado pela empresa. Tal comportamento dos contratantes é problemático, pois, como visto no item 3.3, as informações contextuais que o revisor carrega muitas vezes interferem nas alterações que ele propõe.

Para encerrar, gostaríamos de propor, para pesquisas futuras, que os níveis de revisão sejam testados por outros revisores, a fim de que se verifique a validade do método para a melhora da qualidade em revisões, ou se ele serve apenas de guia para os estudos do revisor iniciante.

6 REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, E. **A construção do livro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6025 – Informação e documentação – Revisão de originais e provas**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Publifolha; Instituto Houaiss, 2018.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo** (trad. A. R. Machado & P. Cunha). São Paulo: EDUC, 2003.
- COELHO NETO, A. **Além da revisão: critérios para revisão textual**. 2. ed. Brasília: Senac, 2013.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008. [1ª ed. de 1984]
- EDITORS' ASSOCIATION OF CANADA. **Professional Editorial Standards**. Toronto, 2016. Disponível em: https://www.editors.ca/sites/default/files/pes-2016-formatted-for-web_0.pdf. Acesso em: 4 mar. 2019.
- FIDALGO, M. F. G. M. **Guia para revisores de texto: uma proposta para o exercício de uma profissão pouco (re)conhecida**. Lisboa: Projeto de Mestrado (Consultoria e Revisão Linguística) – Universidade Nova de Lisboa, 2014.
- INSTITUTO HOUAISS. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. [2007]. Disponível em: houaiss.uol.com.br. Acesso em: 26 maio 2018.
- MACHADO, C. **Manual de sobrevivência do revisor iniciante**. Belo Horizonte: Moinhos, 2018.
- MALTA, L. R. **Manual do revisor**. São Paulo: WVC, 2000.
- OLIVEIRA, R. R. F. D. **Revisão de textos: da prática à teoria**. Natal: EDUFRRN, 2016.
- PINTO, I. D. O. **O livro: manual de preparação e revisão**. São Paulo: Ática, 1993.
- PROFESIONALES DE LA LENGUA ESPAÑOLA CORRECTA DE LA ARGENTINA. Início, 2017. Disponível em: <http://www.pleca.org.ar/>. Acesso em: 1º jun. 2019.
- RODRIGUES, S. **Viva a língua brasileira!**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. ebook.
- SALGADO, L. S. **Quem mexeu no meu texto? Questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual**. Divinópolis: Artigo A, 2017.

SOCIETY FOR EDITORS AND PROOFREADERS (SFEP). **Ensuring editorial excellence**. Londres, 2016. Disponível em: <https://www.sfep.org.uk/standards/code-of-practice/>. Acesso em: 28 mar. 2019.

UNIÓN DE CORRECTORES (UNICO). El corrector, tu aliado invisible, 2017. Disponível em: Disponível em: <http://www.uniondecorrectores.org/profesion/#tab-la-profesion/>. Acesso em: 1º jun. 2019.

VOLOSHINOV, V. N. **Le marxisme et la philosophie du langage**. Paris: Minuit, [1929]1977.

VOLOSHINOV, V. N. La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. **Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique**. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, [1930]1981. p. 287-316.

ANEXO A – TESTE DE REVISÃO 1

1 Teste de revisão 1 – Editora

2

3 A primeira a partir, foi nossa mãe. O próximo, foi nosso pai puxando de baixo de nossos pés
4 os tapetes, os quais dizia ele, formavam uma valiosa coleção. Depois disso, ficamos sozinhos por um
5 tempo. Bem, não totalmente sozinhos é claro – haviam a Sra. Hoffmann, a Srta. Leblanc, e também
6 as duas criadas. A casa estava cheia de sussurros e eu e meus irmãos nos sentíamos melancólicos.

7 Mas logo a casa voltou a vida outra vez. Havia sempre gente nas escadas. Havia um entra e sai,
8 e música também na velha casa de Schutz. As vezes podia-se ouvir o som das tâmaras estatelando-se
9 no jardim úmido lá em baixo. O momento que o jardim parecia mais frio e úmido, era quando nos
10 traziam de volta da praia. O portão rangia, enquanto as criadas nos faziam passar entre os arbustos
11 de folhas verde escuras. Mas nunca ocorreu-me que a nossa vida era absolutamente insuportável.
12 Apesar que eu era diferente. Eu era o sensato. Minhas tias diziam: "Dionísio é um garoto equilibrado!".
13 Não gosto nenhum pouco disso, Mas isso é algo que eu não posso mudar, eu pensava.

14 Aquela foi o ano que os Stuart vieram morar na casa quase em frente a nossa.

15 – A senhora sabia, – falei para Tia Olívia – que esses Stuart são de Londres? – Foi a cozinheira
16 que contou-me,

17 – Eu sei, sim – respondeu ela, de maneira séria. – Mas, é melhor que você não passe tanto
18 tempo assim na cozinha, querido.

19 Eu ficava magoado, quando nossa tia falava daquele jeito, por que mais do que qualquer um
20 de nós, eu era o seu preferido. Então eu sempre fingia que não tinha ouvido.

21 Tia Olívia ficou ainda mais séria.

22 – Eu ainda não decidi, – disse ela, finalmente – o quanto devemos nos comprometer. Os Stuart

23 – prosseguiu limpando a garganta – não são de todo agradáveis.

24 – Como assim? – Perguntei, curiosa.

25 – Bem, – disse ela, é difícil explicar.

26 Ela prosseguiu, acariciando o cabelo ralinho que nascia novamente em minha cabeça raspada.
27

Comentado [CM1]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM2]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM3]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM4]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM5]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM6]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM7]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM8]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM9]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM10]: Nível 2 – uso da crase

Comentado [CM11]: Nível 3 – redundância

Comentado [CM12]: Nível 2 – uso da crase

Comentado [CM13]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM14]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM15]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM16]: Nível 2 – uso do hífen

Comentado [CM17]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM18]: Nível 4 – uso de conectivo

Comentado [CM19]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM20]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM21]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM22]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM23]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM24]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM25]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM26]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM27]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM28]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM29]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM30]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM31]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM32]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM33]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM34]: Nível 2 – pontuação

28 – Sabe, Stella Stuart é filha de um farmacêutico. Ela moravam sobre a loja de meu pai. Não é
 29 que eu tenha alguma coisa contra ela. – ela pára e pensa antes de acrescentar. – Pelo que sei, talvez ela
 30 seja uma excelente pessoa para a família dela. Mas precisamos estabelecer um limite. Em algum
 31 momento. Hoje.
 32 E então, minha Tia Olivia desviou o olhar. Ela estava tão nervosa que não conseguia mais
 33 pensar direito.
 34 Nos dias que se seguiram, entretanto, nada mais aconteceu.
 35 Nossa vida prosseguiu.

36
 37 De repente, numa terça à tarde, lá estava ela, Stella Stuart em pessoa, sentada na mesa favorita
 38 de Tia Olivia, ao lado da janela grande do salão-de-festas.
 39 – Ora pra, qual deles é você? – perguntou à mim Stella Stuart revelando uma tremenda
 40 quantidade de ouro.
 41 – Eu sou o do meio. – respondo sério – Sou Dionísio.
 42 Em circunstâncias normais, eu já teria fugido, mas naquele momento, eu estava fascinado por
 43 todo aquele ouro.
 44 – Ah! – disse a mulher, sorridente. – Geralmente é o do meio que caem as responsabilidades.
 45 Isso a fez parecer um tanto misterioso. Além disso, estava vestida de negro, e a impressão que
 46 tinha-se, mesmo à distância, era que uma película de fumaça a envolvia.
 47 De repente, percebi que ela não estava sozinha.
 48 – Esta é minha filhinha Cristina – disse Stella Stuart. – Você vai ser gentil com ela?
 49 – Bem – respondi receioso. – Vou.
 50 Eu olhava para aquela criança desconhecida.
 51 Cristina Stuart estava em pé, quase grudada no cotovelo da mãe. Toda cheia de enfeites. Toda
 52 de branco. A não ser pelos laços de seda rosas grudados no vestido. Imediatamente, sua cara alongada
 53 sorriu. Faltavam alguns dentes naquele sorriso. sardas grandes e era meia pálida. A pele mais pálida,
 54 era a que ficava próxima ao cabelo, e isto sugeriu-me, não sei porque, que mesmo já tendo dez anos
 55 de idade, Cristina ainda fazia xixi na cama.
 56

Comentado [CM35]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM36]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM37]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM38]: Nível 2 – pontuação

Comentado [c39]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM40]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM41]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM42]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM43]: Nível 2 – uso da crase

Comentado [CM44]: Nível 3 – regência verbal

Comentado [CM45]: Nível 2 – uso do hífen

Comentado [CM46]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM47]: Nível 2 – uso da crase

Comentado [CM48]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM49]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM50]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM51]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM52]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM53]: Nível 1 – uso travessões ou meias-riscas

Comentado [CM54]: Nível 3 – regência verbal

Comentado [CM55]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM56]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM57]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM58]: Nível 2 – uso da crase

Comentado [CM59]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM60]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM61]: Nível 2 – uso da crase

Comentado [CM62]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM63]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM64]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM65]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM66]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM67]: Nível 1 – uso travessões ou meias-riscas

Comentado [CM68]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM69]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM70]: Nível 2 – pontuação

57 Então minha tia Olívia entrou na sala.
 58 – Ah, Srta. Olívia, que prazer! – Stela Stuart espalhava toda a sua satisfação pelo ambiente. –
 59 E não é que nos encontramos outra vez?
 60 – Pois é. A última vez que nos vimos foi em Atenas, não é mesmo? – minha tia respondeu,
 61 educadamente.
 62 – Sim, eu nosso encontro em Atenas!
 63 Logo meus irmãos – Pietra, Agnes e Alvaro apareceram mas não entraram na sala. Eles
 64 espiaram por uma fresta na porta. Ficaram mais de 15 minutos revezando-se para observar Stella
 65 Stuart e sua filha feiosa.
 66 A visita de Stella não durou muito. Logo ela foi embora. Logo que ela saiu, nós crianças,
 67 começamos todos a dar risada e a gritar.
 68 – Então essa é a Stela Stuart que vocês tanto falavam? – gritou Petra. – Vocês viram o buraco
 69 que ela tem entre os dentes da frente?
 70 – E os laços daquela Cristina horrorosa! – reparou Agnes. – Dava para vestir uma noiva, com
 71 toda aquela seda!
 72 – Nós temos mesmo que conhece pessoas assim tão vulgares? – perguntou meu irmão Alvaro.
 73 Ao que Tia Olívia respondeu:
 74 – Você é que é vulgar Alvaro.
 75 E deu-lhe um tapa no rosto.
 76 “Logo Alvaro, o maior de todos, eu pensei, espantado”, ganhou um tapa”.
 77 As lembranças se confundem na minha cabeça, ficam embassadas. Tudo isto aconteceu há
 78 tantos anos atrás, que eu já não lembro mais direito dos fatos. Não tenho certeza que é tudo verdade.
 79 Só sei que depois disso, ficamos um bom tempo sem notícias dos Stuart, apenas vários anos
 80 mais tarde. Cristina começou a frequentar nossa casa novamente, o que era extremamente tedioso.
 81 Para nos divertir, eu e meus irmãos ficávamos perturbando Cristina e tirando sarro. Mesmo já sendo
 82 adolescente, eu me comportava como uma criancinha mal criada. Certa vez berrei:
 83

Comentado [CM71]: Nível 1 – correção de nomes próprios

Comentado [CM72]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM73]: Nível 3 – redundância

Comentado [CM74]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM75]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM76]: Nível 3 – ausência de termo necessário

Comentado [CM77]: Nível 1 – uniformização de numerais

Comentado [CM78]: Nível 1 – correção de nomes próprios

Comentado [CM79]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM80]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM81]: Nível 3 – repetição

Comentado [CM82]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM83]: Nível 1 – correção de nomes próprios

Comentado [CM84]: Nível 3 – regência verbal

Comentado [CM85]: Nível 1 – correção de nomes próprios

Comentado [CM86]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM87]: Nível 1 – uso travessões ou meias-riscas

Comentado [CM88]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM89]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM90]: Nível 1 – correção de nomes próprios

Comentado [CM91]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM92]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM93]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM94]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM95]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM96]: Nível 4 – coesão entre frases

Comentado [CM97]: Nível 3 – redundância

Comentado [CM98]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM99]: Nível 3 – regência verbal

Comentado [CM100]: Nível 3 – regência nominal

Comentado [CM101]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM102]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM103]: Nível 1 – correção de nomes próprios

Comentado [CM104]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM105]: Nível 2 – ortografia

Comentado [c106]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM107]: Nível 2 – ortografia

84 – Cristina, você é tão chata que eu tenho vontade de te dar uns tapas! Por que você não procurar
 85 por outros amigos?
 86 Mas Cristina Stuart apenas sorriu.
 87 Desesperado, continuei gritando um monte de bobages.
 88 Até que minha Tia Thalia apareceu.
 89 – Vocês são umas crianças muito muito malvadas! – gritou ela. – Logo você, Dyonisi! Eu é que
 90 deveria te por de castigo!
 91 Nas tardes quentes, minha tia ficava repousando em um quarto silencioso, mordiscando uma
 92 cenoura crua e copiando trechos de R. Tagore.
 93 – Minha dor de cabeça! – queixava-se ela agora. – Meu descanso foi destruído! Ai, meu Deus!
 94 Minha conjuntivite!
 95 Fiquei encomodado com essa situação, e fui até minha tia desculpar. Parei e observei. Por causa
 96 da conjuntivite, tia Thalia estava usando seu protetor de olhos verde-garrafa, o que a fazia parecer
 97 especialmente trágica. Mostrei para os meus irmãos, que começaram a rir, mas sem deixar nossa tia
 98 perceber.
 99 De repente, percebemos que Cristina tinha desaparecido. Procuramos na sala e no jardim, mas
 100 nada. Será que ela ficou realmente magoada por toda aquela provocação? pensei.
 101 – Cristina, para de se esconder e aparece de uma vez! – gritei. – Anda, diz logo aonde você está!
 102 Começamos a buscar novamente. Eu procurei no jardim, meu irmão no grande salão e minha
 103 irmã nos quartos, chegando a ir até mesmo à sua casa.
 104 Ficamos um bom tempo berrando, vasculhando, remexendo, entrando e saindo dos quartos,
 105 olhando nas salas, nos salões e em todos os outros aposentos de nossa grande casa. Tentando descobrir
 106 onde estava se escondendo. Não estávamos vendo nenhum sinal e já estávamos desistindo. A procura
 107 a nossa pequena visitante já estava chegando ao final, quando ouvimos um barulho procedente ao
 108 porão.
 109 – Ah, essa Crisitina está abuzando... – comentei para meu irmão. – Quando seu pai descobrir, vai
 110 lhe dar uma bela surra.
 111 O pai dela era bem brabo. Eu conheci ele ainda criança, nos velhos tempos. E quando ele batia
 112 em Cristina, todo o seu corpo ficava vermelho e suado.
 113

- Comentado [CM108]:** Nível 3 – uniformidade no pronome
- Comentado [CM109]:** Nível 2 – ortografia
- Comentado [CM110]:** Nível 2 – ortografia
- Comentado [CM111]:** Nível 1 – maiúsculas e minúsculas
- Comentado [CM112]:** Nível 2 – pontuação
- Comentado [CM113]:** Nível 1 – tipografia
- Comentado [CM114]:** Nível 2 – acentuação
- Comentado [CM115]:** Nível 2 – acentuação
- Comentado [CM116]:** Nível 2 – ortografia
- Comentado [CM117]:** Nível 2 – pontuação
- Comentado [CM118]:** Nível 2 – acentuação
- Comentado [CM119]:** Nível 3 – ausência de termo necessário
- Comentado [CM120]:** Nível 2 – acentuação
- Comentado [CM121]:** Nível 2 – ortografia
- Comentado [CM122]:** Nível 2 – pontuação
- Comentado [CM123]:** Nível 2 – pontuação
- Comentado [c124]:** Nível 2 – acentuação
- Comentado [CM125]:** Nível 3 – regência verbal
- Comentado [CM126]:** Nível 2 – pontuação
- Comentado [CM127]:** Nível 2 – ortografia
- Comentado [CM128]:** Nível 4 – coesão entre frases
- Comentado [CM129]:** Nível 3 – regência nominal
- Comentado [CM130]:** Nível 2 – acentuação
- Comentado [CM131]:** Nível 1 – correção de nomes próprios
- Comentado [CM132]:** Nível 2 – acentuação
- Comentado [CM133]:** Nível 2 – ortografia
- Comentado [CM134]:** Nível 1 – palavras que têm mais de uma forma oficial
- Comentado [CM135]:** Nível 3 – adequação vocabular
- Comentado [CM136]:** Nível 2 – pontuação
- Comentado [CM137]:** Nível 3 – ambiguidade

114 O barulho no porão era apenas um rato que saiu correndo assim que abrimos a porta. Cristina foi
 115 aparecer só bem mais tarde aquele dia, dizendo que tinha ficado andando por algumas praias ali perto.
 116 Não sei daonde tirado aquela ideia, mas Cristina era assim mesmo, fazendo tudo que dava na cabeça.
 117 Mesmo, ela gostava de conversar comigo, passando horas ao meu lado durante as tardes, nossas
 118 conversas durando horas. Embora só ela falasse na maior parte do tempo, Muitas vezes eu nem
 119 prestava atenção no que ela falava. Na maioria das vezes, para falar a verdade. Minha mente voava
 120 para longe, meus vãos imaginários me levando para longe dali. Eu estava resignado com a presença
 121 de Cristina, mas não significava que precisava prestar atenção no que ela dizia. Eu via os pinheiros se
 122 contorcendo com o vento ao longe. Meus olhos corriam de Cristina para os pinheiros, e eu prestava
 123 atenção em seus movimentos.
 124 Todas aquelas tardes com Cristina me faziam achar que eu era uma espécie de herói – nada mais
 125 heróico do que agüentar horas intermináveis ao lado de alguém que não nos desperta o menor
 126 interesse. Mas eu continuava ali, sua fiel platéia, naquela rotina monótona. Hoje, quando lembro
 127 disso, chego à conclusão que usava Cristina como uma fuga, adiando a resolução do que fazer com a
 128 minha própria vida, desperdiçando meu tempo ouvindo-a desfiar suas aventuras – a maioria das quais
 129 aconteciam apenas dentro da sua fértil cabecinha: viagens a lugares exóticos, com direito a
 130 hospedagem em hotéis de máximo luxo; presentes caríssimos (especialmente jóias – suas histórias
 131 sempre envolviam jóias de alguma maneira) ganhos de distintos cavalheiros; jantares em navios,
 132 percorrendo o mundo em cruzeiros, nas mais ilustres companhias...
 133 Pobre Cristina. Mas eu não a culpo, afinal, esse era o jeito mais fácil de disfarçar a chatice que era
 134 o nosso dia-a-dia naquela cidade tão pé-de-chinelo. Minhas tias não aprovavam esse comportamento,
 135 especialmente tia Thalia. Quando acontecia de ela e Cristina discutirem, eu sempre ficava do seu lado.
 136

Comentado [CM138]: Nível 3 – regência verbal

Comentado [c139]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM140]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM141]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM142]: Nível 3 – ordem dos termos

Comentado [CM143]: Nível 4 – coesão entre frases

Comentado [c144]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM145]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM146]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM147]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM148]: Nível 3 – ambiguidade

Comentado [c149]: Nível 2 – acentuação

Comentado [c150]: Nível 2 – acentuação

Comentado [c151]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM152]: Nível 3 – regência nominal

Comentado [CM153]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM154]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM155]: Nível 2 – acentuação

Comentado [c156]: Nível 2 – acentuação

Comentado [c157]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM158]: Nível 2 – pontuação

Comentado [c159]: Nível 2 – uso do hífen

Comentado [c160]: Nível 2 – uso do hífen

Comentado [CM161]: Nível 3 – ambiguidade

ANEXO B – TESTE DE REVISÃO 2

137 **Teste de revisão 2 – Editora – Tradução**

138

139 Rubinstein parece ter jogado muito pouco, ou não ter jogado sequer em 1913. Os seus biógrafos em
 140 língua inglesa de Rubinstein, John Donaldson e Nikolay Minev, parecem não estar cientes de
 141 qualquer partida que Rubinstein tenha realizado naquele ano, e desconhecem quaisquer razões para
 142 a ocorrência deste fato. Materiais históricos, contudo, claramente relatam que sérias negociações se
 143 prosseguiram ao longo de 1913 e 1914 sobre os termos da partida proposta entre Rubinstein e
 144 Lasker.

145 Os planos para a realização da partida não parecem terem sido influenciados pelo relativo fracasso
 146 de Rubinstein no grande torneio de São Petersburgo, ocorrido em 1914. Talvez pagando por sua
 147 longa abstinência na classe mundial do xadrez, Rubinstein fracassou, embora de forma mais
 148 discreta, ao não se qualificar cinco jogadores finais daquele evento. Lasker venceu em São
 149 Petersburgo, com 13½/18, à frente de Capablanca, sendo com 13, Alekhine, com 10, Tarrasch, com
 150 8½ e Marshall, com 8.

151 A estrela de Rubinstein definitivamente deixou de brilhar em São Petersburgo. Ele amargou um
 152 ponto atrás dos 5 competidores na única e competitiva rodada das fases eliminatórias de onze
 153 jogadores. Os cinco finalistas jogaram uma rodada final dupla (com as pontuações dos jogos
 154 realizados nas eliminatórias adaptados em seus resultados). Lasker somente então se viu em
 155 confronto, e foi derrotado por Capablanca nas últimas rodadas. De fato, o jovem cubano agora
 156 parece ser a encarnação verdadeira do campeão mundial, muito embora o direito de Rubinstein de
 157 desafiá-lo permaneceu constante. Mas foi então, que, no verão de 1914, um acontecimento maior
 158 refletiu por toda a Europa. A Grande Guerra explodiu em Agosto, e todos os jogos de xadrez
 159 profissional cessaram-se abruptamente. A partida entre Rubinstein e Lasker, programada para
 160 iniciar em Outubro do ano de 1914, foi cancelada.

161 Não se viram, nos anos de 1914 a 1918, mais do que uma eventual atividade local no xadrez da
 162 Europa, destroçada pela Guerra. Donaldson e Minev pouco podiam dizer sobre as circunstâncias de
 163 Rubinstein durante o período da Grande Guerra.

164 É claro que, para Rubinstein e para outros que viveram nesses anos difíceis na Europa Central
 165 Germânica, particularmente na parte final da Guerra, durante a qual se viu a Revolução Russa e o
 166 colapso da Alemanha, nós podemos estar certos de que a vida não poderia ter sido fácil.

167

Comentado [CM162]: Notar a ocorrência de verbos de percepção que tomam o lugar de advérbios ou de verbos mais específicos.

Comentado [CM163]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM164]: Nível 3 – ordem dos termos

Comentado [CM165]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM166]:

Comentado [CM167]: Nível 3 – ordem dos termos

Comentado [CM168]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM169]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM170]: Nível 4 – coesão

Comentado [CM171]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM172]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM173]: Nível 3 – repetição

Comentado [CM174]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM175]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM176]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM177]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM178]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM179]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM180]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM181]: Nível 1 – uniformização de numerais

Comentado [CM182]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM183]: Nível 3 – repetição

Comentado [CM184]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM185]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM186]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM187]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM188]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM189]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM190]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM191]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM192]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM193]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM194]: Nível 1 – uso dos espaços

168 No final da sua década de trinta e praticamente começando o de quarenta, ao término da guerra,
 169 Rubinstein de fato não era o mesmo jogador que ele têm sido antes daquele grande acontecimento.
 170 Muitos observadores consideravam que o seu jogo carecia da consistência que ele possuía no
 171 passado, e notaram que ele estava cometendo muito mais erros. Infelizmente, a saúde mental de
 172 Rubinstein também parece ter se deteriorado, e isso tomou parte do problema.
 173 De acordo com Hans Kmoch, em um obituário compassivo em Chess Review (junho de 1961),
 174 Rubinstein desenvolveu uma condição conhecida como antropofobia, uma extrema e patológica
 175 forma de introversão ou timidez. Esse problema parece ter aumentado em severas proporções nos
 176 anos pós-guerra, mas Kmoch achava que as suas mais antigos sintomas estavam já se remetiam, no
 177 mais tardar da situação, ao ano de 1911.
 178 Kmoch considerava que “era um milagre que um homem, mesmo com um fardo deste tamanho,
 179 possa ainda assim ter mantido um lugar entre os melhores durante tantos anos.” Ele escreveu que
 180 “muitas histórias podiam ser contadas sobre Rubinstein, contudo, refletindo a sua mente aflita,
 181 essas histórias se tornavam mais tristes do que engraçadas; a verdade,.... é que ele estava doente.
 182 Donaldson e Minev especularam que a saúde de Rubinstein pode ter sido adversamente afetada por
 183 alguma severa experiência traumática durante os anos de guerra, mas nós simplesmente não temos
 184 informações em quantidade suficiente para ter certeza. Felizmente, nós estamos cientes de que, em
 185 1917, Rubinstein casou-se com Eugenie Lev, e que, com o apoio de sua esposa e da sua família,
 186 Rubinstein estava apto a oferecer ao mundo do xadrez ainda 15 anos de ensinamento do jogo de
 187 mais alta classe até se finalmente ter se aposentado.
 188 Rubinstein até mesmo lançou um segundo desafio de nível mundial, depois de uma série de
 189 resultados extraordinários em torneios no início da década de 1920, incluindo o primeiro lugar em
 190 Viena em 1922, à frente de Alekhine e Efim Bogoljubow, os dois mais creditáveis aspirantes ao título
 191 mundial. Tendo derrotado Lasker, em 1921, Capablanca era agora o campeão mundial. Nada se
 192 derivou com a proposta de desafio de Rubinstein, devido a uma insuficiência na parte das finanças.
 193

Comentado [CM195]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM196]: Nível 1 – uniformização de numerais

Comentado [CM197]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM198]: Nível 1 – uniformização de numerais

Comentado [CM199]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM200]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM201]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM202]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM203]: Nível 3 – ambiguidade

Comentado [CM204]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM205]: Nível 3 – repetição

Comentado [CM206]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM207]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM208]: Nível 1 – tipografia

Comentado [CM209]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM210]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM211]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM212]: Nível 3 – termo inserido inadequadamente

Comentado [CM213]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM214]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM215]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM216]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM217]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM218]: Nível 3 – repetição

Comentado [CM219]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM220]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM221]: Nível 3 – repetição

Comentado [CM222]: Nível 3 – termo inserido inadequadamente

Comentado [CM223]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM224]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM225]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM226]: Nível 2 – pontuação

194 Rubinstein permaneceu sendo um dos gigantes do xadrez. Em sua extensa obra no mundo do
 195 xadrez moderno, Die Hypermoderne Schachpartie (1925), Dr. Savielly Tartakower poderia ainda
 196 escrever que "Rubinstein permanece mais capaz, em geral, do que a maioria dos grandes jogadores,
 197 a obter verdadeiras obras-primas, moldadas por uma idéia estratégica única, profundamente
 198 unificada, sendo esta a prova que é evidente em muitos prêmios brilhantes ganhos por ele, em
 199 Teplitz Schönau [1922], sozinho, por quarto vezes."

200 Inevitavelmente, com a idade mais avançada, e com novas idéias em jogo, estando mais distante
 201 da sua integridade mental, Rubinstein gradualmente começou a cair nos rankings de xadrez.
 202 Tartakower percebeu esse declínio, no entanto em outra alusão aos feitos de Rubinstein, ele fez uma
 203 observação mais minuciosa (e muito mais moderna) de que Rubinstein, juntamente com Spielmann
 204 e Réti, editou uma nova edição pós-guerra de Collijn's Lârobok, poderia ter dado muitos de seus
 205 segredos de abertura de forma barata. Rubinstein, no entanto, conservou muito do rigor de sua
 206 força física desde a sua juventude, em plenos anos de 1920. Ele valorizou a saúde física robusta, e
 207 continuou a portar esse físico, jogando alguns de seus melhores jogos neste anos. Em Carlsbad, em
 208 1923, ele popularizou ainda outro movimento tático de mestre em uma 6 g3 -variação anti-Tarrasch
 209 desta vez contra o inventor de sua defesa, Dr Tarrasch.

Comentado [CM227]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM228]: Nível 3 – repetição

Comentado [CM229]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM230]: Nível 1 – tipografia

Comentado [CM231]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM232]: Nível 3 – repetição

Comentado [CM233]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM234]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM235]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM236]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM237]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM238]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM239]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM240]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM241]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM242]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM243]: Nível 1 – itálico

Comentado [CM244]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM245]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM246]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM247]: Nível 3 – redundância

Comentado [CM248]: Nível 3 – redundância

Comentado [CM249]: Nível 1 – maiúsculas e minúsculas

Comentado [CM250]: Nível 4 – coesão entre frases

Comentado [CM251]: Nível 1 – uso dos espaços

Comentado [CM252]: Nível 1 – padronização de numerais

Comentado [CM253]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM254]: Nível 3 – redundância

Comentado [CM255]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM256]: Nível 3 – repetição

Comentado [CM257]: Nível 1 – uso de travessões ou meias-riscas

Comentado [CM258]: Nível 1 – uso de travessões ou meias-riscas

Comentado [CM259]: Nível 4 – coesão

Comentado [CM260]: Nível 1 – redução

Comentado [CM261]: Nível 1 – espaçamento entre linhas

ANEXO C – TESTE DE REVISÃO 3

210 **Teste de revisão 3 – Agência de publicidade – Texto publicitário**

211 A Fiat **esta** comemorando **35 ano** de Brasil. E durante esse tempo sempre **foi movido por uma unica**
 212 **inpiração: voce**. Para **qe os brasileiro** fiquem satisfeitos, a Fiat está eternamente insatisfeita. E quem
 213 está sempre querendo mais desenvolve projetos mais **ousadas**. A Fiat está na busca do carro ideal.
 214 Não é **a toa** que **pediram aos internatas** que debatessem sobre **veículo do futuro** e a partir **diso** deu
 215 vida ao Fiat Mio: o primeiro **caro-conceito** criado **pelo internet**. **Por que é** isso que **movem a Fiat** a ser
 216 melhor todos dias.
 217

218
 219 A **fabricanti** do BlackBerry criou a **tenologia** que sincroniza e-mails com o **smartpone**. Foi **lider** nos
 220 EUA. Perdeu mercado para o iPhone e o Android sobretudo pela falta de opções de aplicativos.
 221

222 No ambiente corporativo nada **e** tão simples quanto o capital humano. É por isso que investimos
 223 **consistemente em** atração e desenvolvimento de profissionais capazes de colocar o seu talento a
 224 serviço dos nossos clientes.
 225
 226

Comentado [CM262]: Nível 2 – acentuação
 “está”

Comentado [CM263]: Nível 3 – concordância
 “35 anos”

Comentado [CM264]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM265]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM266]: Nível 2 – acentuação
 “você”

Comentado [CM267]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM268]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM269]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM270]: Nível 2 – uso da crase
 “à toa”

Comentado [CM271]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM272]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM273]: Nível 2 – ausência de termo
 necessário

Comentado [CM274]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM275]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM276]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM277]: Nível 4 – coesão entre frases

Comentado [CM278]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM279]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM280]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM281]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM282]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM283]: Nível 2 – ortografia

ANEXO D – TESTE DE REVISÃO 4

239 **Teste de revisão 4 – Empresa não identificada – 2013**

240

241 Reescreva o trecho abaixo da melhor maneira possível, considerando a estrutura, coesão, coerência,
242 ortografia, pontuação:

243

244 A fachada estava em bom estado e sua iluminação não pode ser aferida pois a visita se deu durante o
245 dia. Foi apresentado a sala de espera, mas necessita de um aparelho de televisão mais moderno, pois
246 a existente se encontra muito ultrapassada com tubo de imagem no qual não estava funcionando
247 adequadamente. A seção dos pneus estava cheia de sujidades de gracha na parede. A atendente
248 explicou direito os material mais não foi simpática. Notei que dois funcionários estavam na recepção
249 de clientes assistindo um vídeo no celular em volume não condizente para o ambiente comercial,
250 mas logo foi repreendido sutilmente e solicitado que os mesmos fossem para a área externa da
251 recepção de clientes pelo vendedor da loja. Na volta a oficina o atendente levou o carro e realizou
252 uma vistoria visual. A Flávia embora muito solícita ficava um pouco dividida entre os telefonemas e
253 perguntas de outros clientes não me dispensando total atenção em determinados momentos.

Comentado [CM301]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM302]: Nível 2 - acentuação

Comentado [CM303]: Nível 2 – colocação pronominal

Comentado [CM304]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM305]: Nível 4 – coesão

Comentado [CM306]: Nível 3 – repetição

Comentado [CM307]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM308]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM309]: Nível 4 – coesão

Comentado [CM310]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM311]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM312]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM313]: Nível 2 – ortografia

Comentado [CM314]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM315]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM316]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM317]: Nível 2 – acentuação

Comentado [CM318]: Nível 3 – regência verbal

Comentado [CM319]: Nível 3 – regência nominal

Comentado [CM320]: Nível 3 – concordância

Comentado [CM321]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM322]: Nível 3 – uso de voz adequada

Comentado [CM323]: Nível 2 – uso da crase

Comentado [CM324]: Nível 3 – adequação vocabular

Comentado [CM325]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM326]: Nível 2 – pontuação

Comentado [CM327]: Nível 3 – paralelismo sintático

Comentado [CM328]: Nível 2 – pontuação